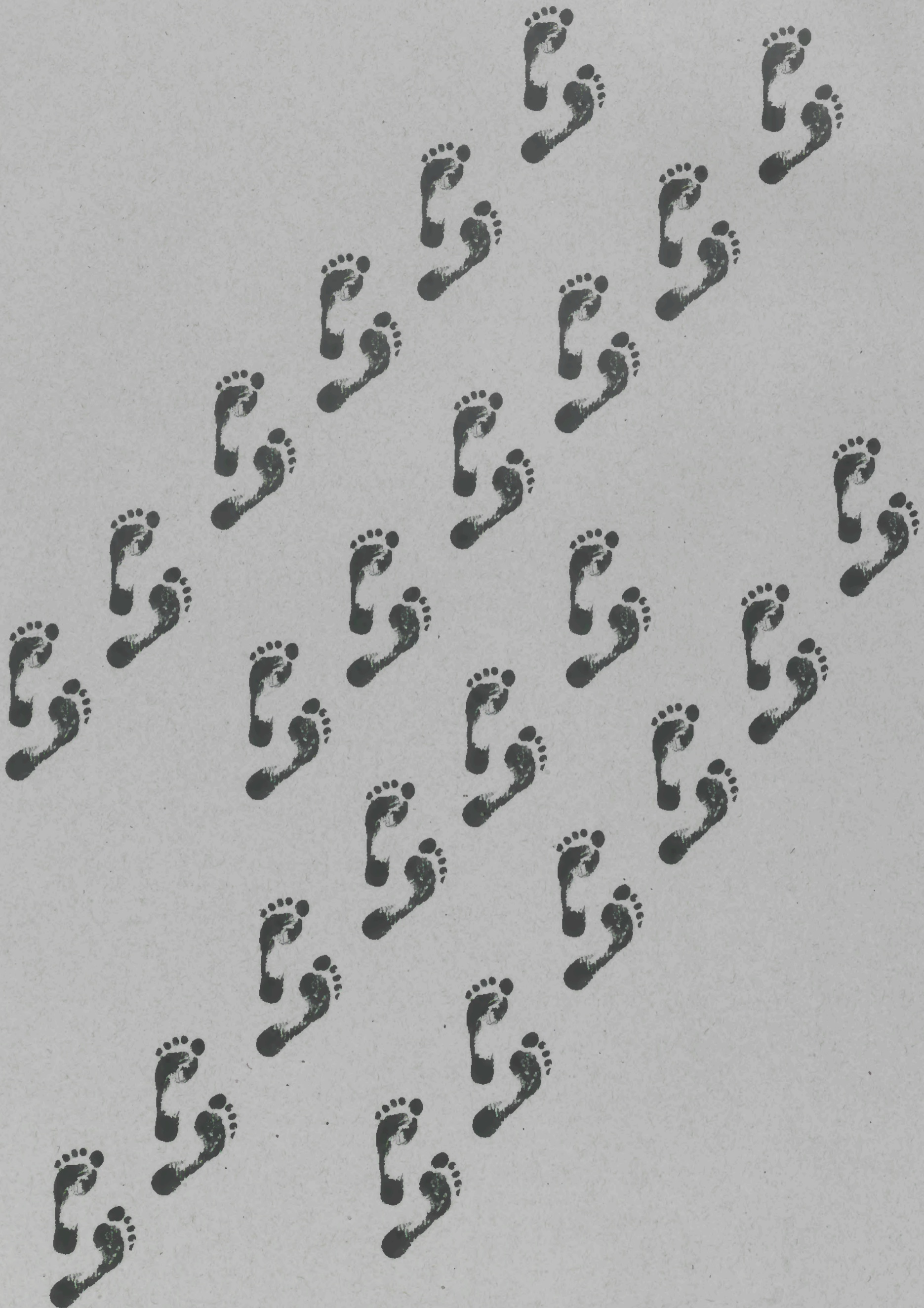




3x4

ocupações



EDITORIAL

DO JORNALISMO DA ANTIGA AO JORNALISMO DE OCASIÃO

O artista espanhol, Joan Fontcuberta diz: “eu fotógrafo, eu existo!”. Fui ao Wikipédia para saber quem era o cara. Fontcuberta recebeu seu diploma em comunicações na Universidade Autônoma de Barcelona, em 1977. De 1979 a 1986, foi professor na Faculdade de Artes da Universidade de Barcelona. Em 1980, foi um dos fundadores do jornal Phofovision. Em 2013 ganhou o Prêmio Internacional Hasselblad em Fotografia.

Nos tempos atuais existem milhares de “fotógrafos por impulso”. Quando circulo pela cidade presencio dezenas destes na prática dos auto-retratos, os tais selfies. E mais do que nunca tenho a noção do o quanto é verdadeira a afirmativa “eu fotografo, eu existo”. Hoje, “fotógrafos da antiga” e “fotógrafos por compulsão” disputam espaço no mundo virtual. Este, sem dúvida, será um século dos bilhões de imagens. Lógica semelhante ocorre com o jornalismo como um todo.

Todos os jornais são iguais. Coloridos, superficiais, rápidos e tudo como variedades, secos e molhados, perfumarias. Os teleornais, que impõem uma mentalidade índice de audiência, são verdadeiros museus de tragédias. O “jornalismo da antiga” é cada vez mais raro e tem que disputar espaço com “o jornalismo de ocasião”. O Mercado é deus. As faculdades de comunicologia são a consagração deste último. O sentido de subversão (da antiga) é cada vez mais raro. E quando está presente – que fique claro – só é possível como uma brincadeira eventual de um espaço cada vez menor no mundo acadêmico.

Mesmo considerando toda esta dificuldade estímulo, sempre, o sentido subversivo e coletivo do “jornalismo da antiga”. Esta turma me possibilitou um semestre de qualidade. Leiam este 3x4 e tenho certeza de que está rapidíssima reflexão terá sentido. Souberam aproveitar este pequeno espaço.

WLADIMIR UNGARETTI

EDITORIAL

3X4 - OCUPAÇÕES

Em “A Notícia Como Forma de Conhecimento: Um Capítulo da Sociologia do Conhecimento”, o sociólogo norte-americano, Robert E. Park, tornou famoso o jargão jornalístico “Cachorro que morde homem não é notícia, mas homem que morde cachorro é!” para ilustrar o caráter insólito do gênero noticioso. De acordo com Park, não é a importância intrínseca do acontecimento que o faz digno de ser noticiado. É antes o fato de ser tão inesperado que surpreenderá, divertirá ou comoverá o leitor. Mesmo assim, para uma grande parcela da população brasileira, morder o cachorro não é o bastante para despertar o olhar da grande imprensa. Há de se morder o cachorro certo, com pedigree e preferencialmente de porte médio ou alto. Deste modo, o jornal 3x4 apresenta a história de pessoas, grupos e movimentos que romperam sozinhos as margens da sociedade e ocuparam o espaço que desejavam. Não apenas uma ocupação territorial, mas também de hábitos de consumo, de lazer e de oportunidades para, enfim, começarem a ser reconhecidos perante a sociedade.

Apesar de as reportagens deste jornal serem guiadas por um tema, elas mantêm a linha editorial característica deste impresso: a liberdade de criação de cada colaborador - elemento que parece ser cada vez mais raro em um tempo no qual as redações se contentam em reescrever releases de assessorias. As recentes demissões nas redações da Zero Hora, da Folha de São Paulo e do portal Terra, por exemplo, geraram comoção no meio acadêmico, onde uma parcela dos estudantes de jornalismo vive o paradoxo de ser contrária às demissões, mesmo sabendo que dificilmente poderá recusar a oportunidade de trabalhar em uma dessas empresas.

Frente a esse cenário, o jornalismo alternativo segue como uma opção para a prática do jornalismo voltado ao interesse público. A recente onda de demissões relembra a criação do “cooJornal”, durante a crise do jornal Folha da Manhã, em 1975. Na ocasião, 21 jornalistas se afastaram de suas atividades em protesto à demissão do repórter Caco Barcellos, em função de uma matéria sobre violência policial. Os jornalistas fundaram uma cooperativa para produzir um periódico que não estivesse atrelado à censura imposta pela ditadura militar. Durante os quase oito anos de circulação, o cooJornal produziu reportagens relevantes e enfrentou o regime, chegando a atingir o número de 450 colaboradores, que ajudavam a manter a cooperativa, entre eles, o professor Wladimir Ungaretti.

Hoje, existem inúmeros jornais alternativos que dão seguimento ao legado do cooJornal, ao tratar as questões que são tabus para sociedade. Nessa perspectiva, o jornal 3x4 segue como agente mobilizador para que novos estudantes, jornalistas e leitores possam encontrar as ideias que continuarão a manter parte do jornalismo próxima ao interesse público.

COMISSÃO EDITORIAL

VAMOS PASSEAR NO PARQUE? por Bruno Teixeira	6
O PALCO DA VIDA por Amanda Kaster	10
EXISTE AMOR NO CABIDE? por Amanda Gomes	13
A UTOPIA DO AGORA por Juliana Demarco	16
É SOM DE PRETO, DE FAVELADO, MAS QUANDO TOCA NINGUÉM FICA PARADO por Marina Bitencourt	20
GOSTOSA É O TEU PAII por Ludmila Cafarate	24
MULHERES, APAIXONADAS, ORGANIZADAS por Cleunice Schlee	28
A OBRA É DELAS por Suellem Freitas	32
MULHER NA ASTRONOMIA por Jennifer Dutra	35
3X4 ENTREVISTA: PAULO FLORES por Suellem Freitas	38
ÍNDIO É ÍNDIO por Filipe Kunrath	42
COM A PALAVRA, OS USUÁRIOS por Matheus Rosa	45
GRAFFITI: A ARTE QUE OCUPA E SE DEIXA OCUPAR por Cássia Tavares	47
CORPOS OCUPADOS PELA ARTE por Lucas Vieira de Lima	50
ERIC, O ETERNO REI DE SI MESMO por Victor de Freitas	53
25 ANOS, ALGUNS MESES E UNS DIAS por Gabriel Brum	56

Vamos passear no parque

A HISTÓRIA POR TRÁS DOS ROLEZINHOS NO FIM DE SEMANA

Centro de uma polêmica que dividiu opiniões no início deste ano, o rolezinho é um movimento caracterizado por reunir grandes grupos de jovens, geralmente da periferia, para encontros em shoppings. Originado no ano de 2012, na cidade de São Paulo, o movimento ganhou notoriedade apenas no final de 2013 quando alguns encontros passaram a reunir aproximadamente 3 mil jovens. A repressão policial entrou em cena, denúncias de furtos e de agressões foram registradas. O rolezinho se espalhou pelo país e se mostrou cada vez mais como um fenômeno de jovens que desejavam frequentar um espaço de lazer, que até então não via em seu perfil o seu público preferencial. Em busca de uma ocupação não apenas territorial e social, mas também de hábitos, os jovens incorporaram agora famosas marcas importadas no seu vestuário e as suas presenças em shoppings coloca em cheque a imagem de segurança que sempre deu prestígio a esses locais. A reportagem a seguir conta como se constitui esse movimento na cidade de Porto Alegre, suas particularidades e ramificações, tendo como pano de fundo um dos locais simbólicos na era dos “bondes”, entre 2006 e 2009: o shopping Praia de Belas.

A HISTÓRIA ANTES DO ROLEZINHO

O relógio marcou as 16h de um domingo de forte calor e céu nublado. No terminal Nilo Wuff, localizado no bairro Restinga Nova, zona Sul, procurei por jovens que tivessem como objetivo ir ao shopping para participar de um rolezinho. Era dia de eleições. Nas ruas, algumas pessoas faziam boca de urna, caminhavam pelas calçadas, ou desfilavam ao som de funks que saíam dos potentes aparelhos de som que

equipavam seus carros. No entanto, no terminal de ônibus, filas gigantescas eram formadas. Os motivos de trânsito dos passageiros eram variados: votar, visitar os parentes ou apenas passear. Emily Ribeiro, 16, aproveitou o dia de passe livre para sair de casa. “Vou para o (Parque) Marinha”, contou, sob os risos de outras duas meninas que lhe acompanhavam. “Não costumo sair de casa aos domingos, mas o passe livre me ajudou a tomar a decisão”.

Embarcamos no coletivo da linha 210 Restinga Nova. Meu destino inicial seria o Barra Shopping Sul, local onde, em janeiro deste ano, cerca de 20 jovens promoveram um rolezinho. Na ocasião, os adolescentes cantaram, dançaram e é claro, não deixaram de apreciar as vitrines do luxuoso estabelecimento – considerado um dos maiores da América Latina e construído próximo a algumas comunidades populares como as Vilas, Cruzeiro e Resvaló.

Para a minha surpresa poucos adolescentes integravam a multidão que se aglomerava no ônibus (do tipo articulado). Sem canções, sem celulares tocando músicas no alto falante, comportamentos que não são exclusivos das linhas da Restinga, mas que estão presentes em diversos itinerários da capital. A viagem seguia sem me dar pistas de que algum daqueles grupos poderia estar se dirigindo para um rolezinho. Foi quando uma das amigas de Emily fez uma crítica a um determinado grupo de meninos que seriam usuários de maconha. A fala me chamou a atenção: por que uma pes-

soa que, aparentemente, despreza quem fuma maco-
nha estaria se deslocando justamente para um local
conhecido por reunir pessoas que gostam de fumar?

Após embarcar em outra condução, chego ao Barra Shopping Sul e para minha decepção, lá, não teve rolezinho. Uma possível explicação pode estar nas medidas de segurança adotadas por alguns shoppings após uma confusão que ocorreu durante um encontro, que reuniu aproximadamente 400 adolescentes no Bourbon Shopping Wallig, no mês de maio. Para evitar novos incidentes, a administração do local decidiu barrar a entrada de adolescentes desacompanhados de um responsável. Com o veto de ingresso ao Bourbon, os shoppings Iguatemi e Barra passaram a ser cogitados na extinta página do Facebook, "Rolezinho do beijo".

FIM DE SEMANA NO PARQUE

O destino seguinte é o Shopping Praia de Belas e logo na chegada, um mar de jovens se aglomerava na porta do local. Do alto das escadarias do hall de entrada, seguranças com os braços cruzados e uma expressão ameaçadora, faziam a recepção dos visitantes. Do lado de dentro, outros tantos adolescentes – incluindo Emyli e suas amigas – caminhavam em grupos pelos corredores do famoso "Praia". Sentados em um banco e vestidos com roupas no melhor estilo dos rappers norte-americanos, Leonardo Pereira, 18, seu primo Jonathan Souza e o amigo JB, falavam sobre as meninas que haviam beijado na praça de alimentação. "Acabamos de pegar duas", afirmou Leonardo, enquanto tirava o celular do bolso para mostrar algumas fotos. "A foto do beijo já está no instagram!".

Leonardo afirmou que não participa de nenhum movimento semelhante aos rolezinhos e que vai ao shopping para tirar fotos com seus fãs. Conhecido como Leo Soulja, em referência ao rapper norte-americano, Soulja Boy, o jovem tornou-se uma celebridade das redes sociais

pelo seu estilo denominado Swag. O Swag é um tipo de comportamento criado pelos rappers estadunidenses e envolve, basicamente, maneiras de se tornar uma figura de influência com base em seu carisma e hábitos de consumo. Leo Soulja tem obtido êxito em suas relações. O seu perfil, leosouljaofficial, na rede social Instagram, local onde disponibiliza fotos e vídeos de seus looks, passeios e fotos com os fãs, já possui quase 8 mil seguidores. Uma de suas fotos, inclusive, foi curtida pelo perfil oficial de seu maior ídolo, o rapper Soulja Boy. O efeito de tanto sucesso pode ser comprovado durante a entrevista. Enquanto respondia as perguntas, o seu nome era comentado por grupos de meninas que circulavam pelos corredores do local. Em determinado momento, alguns meninos interromperam a conversa e pediram para tirar uma foto com Leo. Não demorou muito e os mesmos meninos estavam gravando um vídeo da entrevista para ser disponibilizado no Instagram. "Ele é jornalista, vou aparecer na Veja", brincou. Com tanta fama, o jovem ídolo, residente do bairro Partenon, pode até perder a modéstia. "Se quiser, pode pegar uma das minhas fotos e colocar na capa da revista".

Deixo Leo e volto para o exterior do shopping

Leo Swag e seus amigos tiram fotos no hall de entrada



Foto: BRUNO TEIXEIRA

a procura de outros grupos. Lá encontro Igor Assen Jr, 17. Igor declara ser do “grupo pela zuação”, que vai ao shopping para beijar as meninas e curtir na paz. “Venho aqui todas as sextas, sábados e domingos, pois a semana é corrida, então venho para me divertir”, contou o jovem que tenta se tornar jogador de futebol e no mês de setembro realizou testes no Botafogo (RJ). “Aqui tem praça de alimentação, cinema, lojas e o Marinha”. Ele une as pontas dos dedos indicador e polegar e leva até a boca, imitando estar fumando um baseado e diz: “lá é legalizado”.

O estilo de roupa que caracteriza o “grupo pela zuação” é semelhante ao Swag de Leo e seus amigos: snap backs (bonés de aba reta, geralmente de times de basquete); camisetas de marcas de skate ou das marcas Nike, Hollister ou Ócley; acessórios, como correntes de prata, relógios e óculos escuros; e muitas tatuagens espalhadas pelo corpo. Descrição semelhante feita pela reportagem ‘Rolezinhos’ surgiram com jovens da periferia e seus fãs, publicada no jornal Folha de São Paulo, em janeiro deste ano, com um infográfico que ajuda a estereotipar os então rolezeiros da capital paulista. “Existem muitas pessoas que tem preconceito com quem usa esse tipo de roupa, porque tem gente que faz confusão, que vem para assaltar e brigar”, relatou Igor. “Sofro preconceito pela minha cor, pelo modo como me visto e pelas minhas tatuagens”.

“E como tu vê o modo como os seguranças agem com vocês, exigindo que fiquem sempre circulando pelo shopping e evitando a aglomeração de grandes grupos?”, pergunto. “Acho que esse é o serviço deles, mas é preconceito. Tem um monte de gente que eles poderiam seguir e eles seguem apenas a nós.”, respondeu o menino.

OS MODINHAS

Bastou questionar Igor e seus amigos sobre qual seria o grupo responsável pelas confusões e o termo “Modinha” foi repetido à exaustão. Os modinhas se vestem praticamente da mesma forma que os ou-



Segurança adverte jovens antes de sua entrada no Shopping

tros grupos, porém com penteados de cabelo que sobressaem seus bonés. Diferentes grupos de modinhas estariam marcando brigas pelas redes sociais repetindo o fenômeno dos bondes, que se caracterizavam por reunir adolescentes identificados por bairros ou marcas. Bondes de bairros de classe média ou pobre, da zona sul, leste, norte ou central, que só usavam roupas da Nike ou da Adidas, se reuniam no templo do consumo para disputar o centro das atenções com brigas ou apenas para passear. O shopping Praia de Belas era um dos locais prediletos para essas reuniões.

PÂNICO NO MARINHA

Inaugurado em 1978, o Parque Marinha do Brasil é um local público e essencialmente esportivo. Com uma área total equivalente a 715 mil metros quadrados (aproximadamente de 70 campos de futebol padrão Fifa), o parque é administrado pelas Secretarias Municipais, de Meio Ambiente (SMAM) e de Esportes, Recreação e Lazer (SME) (ambas não realizam levantamentos sobre o número de pessoas que frequentam o Marinha nos finais de semana). Entre bosques, pistas atléticas e quadras esportivas, a pista de skate é o local de confraternização de um público singular. É em suas pro-

ximidades que muitas pessoas se reúnem para conversar, passear com a família, assistir ao pôr do sol no Guaíba e fumar maconha. A fama do local se espalhou e não demorou muito para que a Brigada Militar fizesse algumas intervenções. Mesmo assim, o Marinha seguiu sua rotina sob o preço de se tornar uma moda. Na entrada do Parque, em um local de pouca visibilidade, o busto em homenagem ao líder da revolta da chibata, o marinheiro João Cândido, é o primeiro a dar as boas vindas aos novos visitantes que vieram do outro lado da rua, especificamente do shopping Praia de Belas.

Caminho inverso ao percorrido por Juliane Haag, Vitória Fetter e Rhuan França. “Saímos do Marinha porque o pessoal estava meio barra pesada”, relatou Juliane, enquanto Vitória interrompia a conversa insinuando que a entrevista seria na verdade uma cantada. A menina seguiu com as insinuações, que não cessaram nem depois que mostrei meu cartão de aluno da UFRGS. De alguma forma, algo em mim lhe fazia pensar que eu era um dos meninos do “rolezinho”. Questionei se alguém já tinha lhes dado uma cantada em forma de entrevista porque aquilo não fazia sentido. “Não, mas ouvimos algumas dentro do shopping. Lá, estava a mesma coisa então viemos pra rua fumar um cigarro.” disse Juliane. Vitória disparou: “Só tinha maloqueiro, estava horrível! Agora o negócio é rolezinho, botar as meias na canela e vir chineliar (roubar). O Marinha está estranho. Antigamente, o pessoal era de Jah. Fumava um (baseado) e ficava na paz. Agora só falta o pessoal cheirar uma (carreira de cocaína) no meio do parque”.

Volto para o interior do estabelecimento a procura dos Modinhas, converso com algumas pessoas – inclusive com um menino de 13 anos que se vestia como um modinha, mas dizia não ser. Encontro um grupo reunido, usando o mesmo tipo de boné, mas sem os cabelos longos, e ao invés de camisetas de surf e skate, usavam camisetas de times de futebol. Ederson Xavier, conhecido como “ED”, contou que vai ao shopping todos os domingos. “Estou frequentando há um ano, explicou o rapaz que se denomina do grupo dos funkeiros e pa-

godeiros. “Ficamos mais pelo Marinha e depois venho dar uma volta pelo shopping. Gosto de ver as lojas: Nike, Planeta Surf e Paquetá”. ED é morador do Campo da Tuca, bairro Partenon, zona Leste. De acordo com Ederson, bater bola na praça, ver as crianças andarem de skate na rua ou jogar sinuca no boteco da esquina são as únicas atrações que ele e seus amigos encontram no bairro. Por isso, passear no parque Marinha ou pelos corredores do Praia é a melhor opção de lazer no final de semana. “É bom vir pra cá para ver outras pessoas e caminhar”.

Perguntei a ED o que ele acha da declaração de que “no Marinha e no shopping só havia maloqueiro”. O jovem respondeu: “Quem disse isso está enganado. Eu, por exemplo, moro na vila, mas não sou maloqueiro. Sou trabalhador. Trabalho em uma lavagem de carro e não gosto de ficar gritando na rua”, respondeu o rapaz, sem se exaltar.

Um segurança se aproxima e pede para que eu, ED e seus amigos não ficássemos parados (estávamos próximos a uma área de descanso, com vários bancos). Me despeço de ED e dos outros rapazes. Alguns seguem para praça de alimentação, outros para casa. São quase 20h e, aos poucos, o shopping vai ficando vazio, encerrando mais um fim de semana no parque.

Grupo conversa sob o olhar atento dos seguranças



FOTO: BRUNO TEIXEIRA

por KASTER, Amanda.



FOTO: AMANDA KASTER



Geraldo Souza Lopes, o Geraldo Show, diz que para viver da música tem que correr atrás

O PALCO DA VIDA

Uma ocupação permanente no coração da cidade

Em 3 minutos de caminhada é possível ver o melhor de Porto Alegre saltando aos olhos e ouvidos: uma mistura de cores, ritmos e vozes modificam o aspecto cinza da cidade. O balanço da caminhada dos passantes se transforma, quando não param seu caminho para olhar, já andam com uma cadência diferente, cada passo em compasso com o som. A cada pisada, um estilo se apresenta, mesclando o suave toque de um violão, o gingado da sanfona e o dedilhar da guitarra. Em um trecho de apenas 200 metros, da Praça da Alfândega à Esquina Democrática, todo o mundo se apresenta. Independente de gostos, é impossível ficar indiferente à música que vêm da Andradas, ou, como preferem os porto-alegrenses, Rua da Praia.

A rua é de todos e não pertence a ninguém. O espaço é ocupado permanentemente, de forma alter-

nada por músicos de diversos estilos, que dividem o local com indígenas vendendo sua arte de palha e madeira, pintores e vendedores ambulantes. A concorrência é difícil, mas é uma forma de fazer vitrine à sua música.

Geraldo Souza Lopez, mais conhecido como Geraldo Show, é professor de violão. Prefere um dos cantos mais quietos da rua, na esquina com a Uruguai. “Já faz uns quinze anos que eu toco na rua, mas musicalmente eu tenho cinquenta anos de profissão. Na rua é que eu me comunico com o pessoal, que eles conhecem meu trabalho e a partir daqui que eu consigo contratos para tocar em eventos quase todos os finais de semana”, diz ele. “Os veículos de comunicação não dão muita atenção para artistas como eu, então eu gravei meu próprio CD e tenho que sair para vender minha música.” Com os shows particulares que faz, Geraldo se mantém e sustenta sua família, mas, como ele mesmo diz, não são todos que conseguem viver somente da arte. “É preciso correr, se virar mesmo e eu corro atrás. Tem que ser assim”, afirma.

Mais à frente, na placa de papelão escrita à mão abaixo de uma lata, um pedido: “Colabore com meu talento. Que Deus lhe abençoe”. No pé direito, um pandeiro; nos braços, um violão vermelho; e nos lábios, a indefectível folha de árvore. O mais conhecido músico da Capital, Zé da Folha, afirma que foi o primeiro a tocar nas ruas da cidade: “Eu sou o artista de rua mais an-



Junior Maciel faz a Esquina Democrática sua balada sertaneja particular todas as tardes

tigo de Porto Alegre. Quando eu comecei não tinha ninguém. O primeiro fui eu. Há 69 anos que eu toco por aqui". Zé faz da Andradas sua casa durante a semana, e viu muita coisa mudar em seus anos de labuta por reconhecimento. "O público não nos dá mais atenção como antes, eles passam muito rápido. Antes paravam, escutavam. Agora ninguém para. Só param pro homem do gato, que vem chegando com aquele barulho dele e daqui um pouco enche de gente lá, não entendo", diz ele.

E justamente em busca de ser reconhecimento que artistas recorrem às calçadas e ao contato direto com o público. Junior Maciel deixou cantar em uma conhecida banda de música sertaneja, pois, como ele afirma, trabalhava muito e ganhava pouco. Agora, Junior diz que é capaz de cantar exatamente o que, quando e como quer: ter controle total sobre sua carreira. Escolheu a Esquina Democrática como sua vitrine: quando se apresenta no Centro, sempre no final da tarde, traz caixa de som, globo estroboscópio e luzes de Led iluminando o calçamento, acompanhado de uma dançarina que chama a atenção do público.

"O público não nos dá mais atenção como antes, eles passam muito rápido. Antes paravam, escutavam. Agora ninguém para."

um em qualidade de vida, o melhor lugar pra se viver é exatamente aqui onde nós estamos", afirma.

A aura da Rua da Praia também atrai aqueles que não estão familiarizados com a cidade; só procuram um bom lugar para fazer música. Emiliano Ernesto Charly é argentino; saiu com um violão nas costas por alguns países do Pampa e veio parar

em Porto Alegre por causa da Copa do Mundo em julho deste ano. Entre um jogo e outro, conheceu uma gaúcha y se enamoró. Acabou ficando na Capital. "Busquei na internet por onde tocar, para poder me manter, e a Andradas foi a resposta. Eu toquei um pouco mais pra lá (indicando o começo da rua, perto da Santa Casa) e ninguém parava, milhões de pessoas passavam

e não consegui nenhum real. Depois fui pra Praça da Alfândega nas manhãs e as pessoas ficaram encantadas, pedindo que eu fizesse algo de Mercedes Sosa, Violeta Parra, tangos, boleros, música gaúcha e coisa e tal... tocava tudo o que queriam ouvir e fui ficando", diz, como quem não tem planos maiores a não ser curtir o presente.

A calma dos artistas ao se aprontar para o



FOTO: AMANDA KASTER

O argentino Emiliano Ernesto Charly está de passagem pela Capital e escolheu a Andradas para mostrar sua música

próximo show nem sempre se traduz na realidade de tocar nas ruas. De fato, pegar seu instrumento e escolher um lugar na calçada não é tão fácil como se imagina. A maioria dos músicos tem um código velado de respeito entre si. Tentam, também em seu próprio benefício, não tocar muito perto dos outros para poder chamar mais a atenção dos passantes. A competição, no entanto, não deixa de estar presente. Basta caminhar alguns passos e se encontra uma banda de reggae (uma das favoritas do público frequente), um guitarrista solo acompanhado de um amplificador e um casal pilchado tocando músicas tradicionalistas e pedindo contribuições para gravar o primeiro trabalho independente. A busca por audiências maiores pode trazer confusão para quem ouve, mas nunca para quem toca. O espaço é compartilhado, mas não há interação entre os músicos. Estão ali para fazer com que sua presença seja notada, custe o que custar.

“Estou tocando aqui, na Esquina Democrática, também porque lá na praça tem muitos outros artistas e eu não consigo acordar cedo. Depois das três da tarde não há mais lugar para tocar por aqui, e é por isso que é tão legal, mas também tem tanto barulho”, afirma Emiliano. De fato, com tantos músicos juntos, é impossível que não haja problemas com os moradores e pessoas que trabalham na área. As reclamações de alguns grupos acontecem, mas nada que impeça seriamente o trabalho dos artistas. “Às vezes me pedem para parar de tocar, mas

é muito difícil, só quando acontece uma situação especial. Tive alguns problemas com a polícia, mas é questão momentânea. Sabe como é política... tem coisas que não estão muito claras pra nós. Teve um tempo em que uma repartição pública me cobrava o espaço em que eu tocava, tenho todos os comprovantes. Isso durou mais ou menos um ano, escolhia o lugar e estipulávamos o horário e eu pagava. Hoje, ninguém mais nos aborda, cantamos em relativa paz por aqui, mas não posso garantir que vai ser sempre assim” diz Geraldo.

Os governos mudam. As regras e a situação dos artistas de rua continuam incertas, Mas como já dizia uma famosa música nos anos 90: “O artista vai onde o povo está, por isso cantamos a qualquer hora em qualquer lugar”. Este é o momento onde se faz a troca mais simples entre o artista e seu público. Se param em seu caminho para ouvir, é porque gostam e, contribuindo, mantêm o trabalho vivo. Trabalhar em meio ao povo, ainda que de forma improvisada, é a liberdade de poder expressar a arte de cada um, democratizando os espaços públicos. Mesmo nos momentos mais difíceis, ninguém pensa em abdicar. Como diz Zé da Folha, o mais resiliente de todos, é impossível se imaginar fazendo qualquer outra coisa: “Nunca pensei em desistir ou mudar. Pra mim e meus colegas, esse aqui é o palco da vida”.



FOTO: AMANDA KASTER

Zé da Folha, o primeiro artista de rua de Porto Alegre

EXISTE AMOR NO CABIDE

"A gente deixou vir do coração e deu certo."



FOTO: CAROL DE GÓES

Tudo começou quando as amigas e colegas de trabalho comiam caldinho de feijão em um restaurante da cidade, no ano passado. Luana Flôres, em uma manhã de feriado, convidou Helena Legunes para pôr o projeto que elas e mais uma amiga, a Laura Camardelli, haviam vislumbrado. As três possuem muitas afinidades, uma delas é a vontade de fazer alguma coisa que instigue e envolva as pessoas durante o ato de solidariedade – diferentemente de campanhas em que os doadores largam os objetos em uma caixa e vão embora. Um ano se passou desde a conversa até a concretização de uma ideia, em 2014, naquela manhã em que elas se dispuseram a criar as primeiras plaquinhas, em forma de cora-

ção, que mudariam suas vidas e a de muita gente, contendo a seguinte frase: "se você precisa, é seu".

O *Amor no cabide* é um projeto que reúne doações espontâneas e pessoas que precisam desse auxílio. Roupas de todo tipo são postas em cabides e penduradas pelas ruas da cidade à espera de alguém que as resgate e reutilize. As idealizadoras queriam fomentar uma cultura de trocas e de doações, e encontraram algumas propostas inspiradoras em São Paulo e Curitiba.

Uma amiga da Luana, que já havia feito uma mobilização a fim de angariar roupas para haitianos que moravam em Porto Alegre, doou as primeiras peças expostas nos cabides. No primeiro dia em que penduraram as doações, as meninas já sentiram que o plano daria certo. Depois de terem fixado o primeiro ponto, as roupas não demoraram para serem resgatadas e outras logo foram repostas em seu lugar. Helena afirma que o movimento depende do en-

gajamento das pessoas. “A ideia não é nossa, é de qualquer um. O movimento também é teu”, enfatiza. Cada ação é divulgada na página do *Facebook* criada por elas ([facebook.com/amornocabidepoa](https://www.facebook.com/amornocabidepoa)), a qual ajudou o movimento crescer e se espalhar pelo nosso estado, e também por Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro. “Antes de sairmos para a rua, o *Amor no cabide* tinha menos de 100 *likes*. Quando começamos a divulgar, no fim do primeiro dia, já havia mais de 2 mil curtidas”, conta Helena.

Ainda que as ocupações se espalhem por todas as

as roupas nos braços, o moço tomou coragem e mirou a calça jeans e um cobertor também pendurados nos cabides e destinados a quem os desejasse, e pediu para ficar com eles também. Helena conta que elas ficaram surpresas com seu constrangimento. Mesmo se tratando de doações, o mendigo pôs uma barreira entre ele e o resto, espelhando o seu distanciamento e sua incompatibilidade com os moldes da sociedade. Porém, em outra ocupação, ocorreu o contrário: uma mulher que parecia não precisar de roupas,

visto que se vestia normalmente, passou pelos cabides pendurados e levou algumas peças infantis. Essa moça, sem nenhum embaraço, foi falar com as meninas para explicar que era empregada doméstica e levaria as roupas para os filhos.

Nesse momento, Helena, Laura e Luana perceberam o verdadeiro intuito do projeto, o qual não ser-

via só para quem morava na rua, mas para quem precisasse. Helena enfatiza que “o projeto é totalmente livre, não há monitoramento: pega quem precisa e as pessoas põem nos cabides o que podem. Os cabides já receberam desde um par de meias até roupas novas com etiqueta”.

Como o *Amor no cabide* visa os dois lados da doação - o doador e o receptor, as iniciativas independentes são muito bem-vindas. A primeira pessoa a aderir ao movimento em Porto Alegre, fez as plaquinhas e pendurou as roupas em uma árvore, o que acaba prejudicando a natureza. Embora o ideal das meninas seja ajudar

FOTO: FERNANDA COELHO



ruas da cidade, há cinco pontos de amor fixos: Parque da Redenção, Rua Venâncio Aires, Rua Osvaldo Aranha, Rua Santana e Rua Santo Antônio, onde foi a primeira ocupação. “É importante não desconstruir o ponto para que ele fique conhecido”, afirma Helena. Durante uma das primeiras ações, na Santana, as meninas se emocionaram com o gesto de um morador de rua que foi se aproximando do ponto em que elas estavam pendurando as roupas. O homem chegou perto delas cauteloso, e disse em tom baixo: “meu sonho é ter esse colete”. Ao que Luana o respondeu: “pode pegar, estas roupas são doação”. Mas ele disse que tinha vergonha, e pediu: “Pega pra mim?”. Depois de ter

e a adesão desse doador tenha sido plausível, Helena diz que equívocos como esse são comuns e todos estão aprendendo juntos. “Fizemos um teste, e esse teste virou o *Amor no cabide*”, ela observa.

Mesmo com pouco mais de seis meses de existência, a iniciativa já rendeu belas histórias. Em Caxias do Sul, duas meninas ficaram amigas por conta do projeto. “Uma delas escreveu para a gente dizendo que estava em um momento ruim e que a iniciativa de participar e construir um ponto de amor a ajudou a enfrentar os problemas e lhe deu uma amiga”, conta Helena, que se identifica com a situação e também revela que “é inexplicável o bem que o *Amor no cabide* fez para ela e suas duas amigas”.

Para pendurar roupas em lugares inusitados e ao ar livre, é preciso que se tenha criatividade. Em postes, por exemplo, os cabides são presos com abraçadeiras. E quando chove, as roupas permanecem na rua? Helena diz que esse problema foi resolvido com uma ação feita em Lajeado, em que um guarda-chuva aberto e fixado acima das roupas as protegia. Outra solução foi encontrada por doadores de Porto Ale-

gre, que começaram a plastificar as roupas para que as pessoas as encontrassem em bom estado.

“Agasalho também é amor.” Esse é um dos recados que foram criados e escritos nas plaquinhas postas junto às roupas, como se fossem etiquetas. Mas ao invés de conterem o preço em dinheiro, elas contêm frases que traduzem um projeto que nasceu de uma vontade conjunta, tem o intuito de reunir pessoas e sobrevive graças às colaborações. Com a chegada da próxima estação, Helena conta que algumas reformulações serão feitas, já que o *Amor no cabide*, perdeu um pouco de forças devido à chegada da primavera e a proximidade do verão. “Eu e as meninas estamos nos organizando para fazer uma nova etapa. Queremos incentivar as pessoas a continuarem colocando roupas, agora mais leves do que as de inverno, e também materiais de higiene, como pasta e escova de dentes, nos cabides.”

O projeto, além da página no *Facebook*, possui um website (amornocabide.com.br) no qual as próximas ações são sempre postadas.



FOTO: CAROL DE GÓES

a utopia do ACORRA

SOBRE DUAS RODAS ELES DESCOBRIRAM UMA BRECHA NA DITADURA DO AUTOMÓVEL

"A bicicleta se tornou um significante cultural que começa a unir pessoas de diferentes estratos, sinaliza uma sensibilidade que vai contra as guerras do petróleo e a devastação do meio ambiente provocada por indústrias petrolíferas e químicas, a decadência urbana imposta por carros e rodovias, a infinita expansão monocultural que se espalha a partir de bairros de classe média alta. Esta nova subcultura da bicicleta representa localismo, ritmo mais humano, mais interação cara a cara, autossuficiência tecnológica prática, reuso e reciclagem, e um ambiente que favorece a autopropulsão, odores e vistas agradáveis, além de mais convívio humano".

Chris Carlsson, cicloativista

O fim do percurso ocorreu próximo ao Largo Glênio Peres, na zona central de Porto Alegre. As câimbras na panturrilha já não acompanhavam mais o passeio. A cidade é indescritivelmente linda quando contemplada sobre duas rodas. Lugares que fazem parte do cotidiano tomam formas atrativas para um olhar fatidicamente doutrinado a sempre enxergar mais do mesmo. As rotas que o passeio tomou naquela última sexta-feira do mês demonstraram uma horizontalidade de opiniões essencialmente democrática, quase anárquica. Quem diria que a tímida iniciativa de uma celebração ciclística, iniciada na cidade de São Francisco, nos Estados Unidos, iria chegar a lugares tão distantes como Porto Alegre.

Junte centenas de pessoas com opiniões diferentes e insatisfeitas com os rumos que a sociedade está tomando; adicione uma alternativa de transporte movido pela propulsão humana; coloque pitadas de adrenalina e criatividade individual para no final ter o que é chamado de Massa Crítica. Esta "receita" teve início em 1992, nos Estados Unidos. Chris Carlsson, um dos fundadores da Critical Mass, descreve o início do evento como uma forma crítica de celebração aos espaços públicos. O documentário intitulado Nós Somos o Trânsito (We Are Traffic, 1999), do produtor e diretor norte-americano Ted White, retrata claramente os motivos pelos quais Chris Carlsson, Dave Snyder, Beth Verdekal, Larry Chin, Jim Swanson, Ted Thomas, Caycee Cullen, entre tantos outros cicloativistas deram início à Massa Crítica. "Queríamos experimentar a sensação de ser a maioria, de dominar as ruas e nos sentirmos seguros por estarmos rodeados por outros ciclistas", afirma com entusiasmo Dave Snyder.

O conceito de Massa Crítica tem origem no trânsito alucinante da China, onde não há semáforos ou fiscais de trânsito nos cruzamentos. George Bliss afirma que os ciclistas chineses tem o hábito de se unirem quando precisam fazer uma conversão. "Ao atingirem um número representativo, eles conseguem se impor naquele espaço e seguir em frente". Da China para São Francisco, a Massa Crítica surpreendeu até aqueles que a idea-

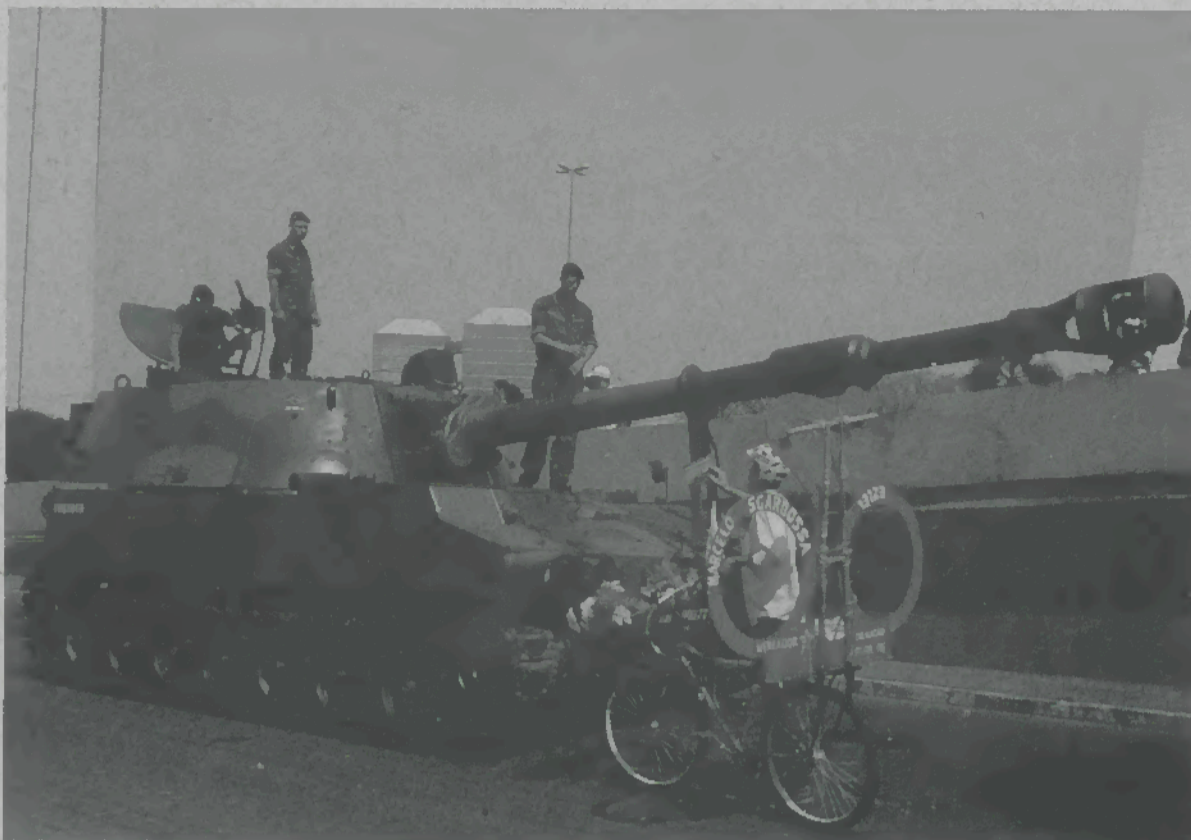
lizaram. Atribui-se o sucesso mundial da Massa Crítica a uma simples constatação: esta ideia já estava na cabeça de muita gente.

BICICLETA, UM CARRO A MENOS!

Durante o trajeto, a pedalada transcorreu tranquilamente. As ruas arborizadas do Moinhos de Vento são espetaculares. O Bom Fim e a orla do Guaíba então, nem se fala! A noite levemente fria deu ao passeio a sensação do vento batendo no rosto. Havia diversas bicicletas curiosas, umas com flores nos cestos e outras com formatos psicodélicos. Havia também alguns alucinados que insistiam em pedalar em alta velocidade pelos ciclistas. Chris Carlsson afirma que estes indivíduos são "a brigada da testosterona", caracterizados por incitarem brigas com os motoristas dos carros e com a polícia. "Este tipo de atitude deve ser desencorajada, pois ela não condiz com uma das prerrogativas da Massa que é a de fazer com que os motoristas nos vejam como parte da mesma comunidade, e não seus inimigos. É por isso que fizemos um esforço gigante para divulgar o evento como uma celebração, ao invés de um protesto". Mais irreverente e condizente é a atitude dos ciclistas "rolhas" que ficam parados na frente dos carros em sinalização ou cruzamentos, enquanto a Massa está passando. Qualquer um pode ser "rolha" contanto que saiba dialogar com os motoristas. Dave Snyder descreve uma alternativa anedótica para aqueles que se interessam em ser os "rolhas": "Levem um cartaz escrito 'Obrigado por esperar!' e, se os carros começarem a buzinar, virem o cartaz para o outro lado, o qual deverá estar escrito 'Buzine se você gosta de bicicletas!'".

POLÍCIA PARA QUEM PRECISA

Os Titãs estavam certos. A polícia não fez, não faz e nunca fará parte das pedaladas. "Polícia é para quem precisa". Todos os adeptos da Massa sabem que ela não possui uma rota pré-



Marcelo Sgarbossa se posiciona em frente a um tanque de guerra, com a sua bicicleta

ou fiscais de trânsito. A sensação de pedalar em conjunto é imensamente diferente de se pedalar sozinho. É justamente esta constatação que dispensa qualquer escolta. A rua é demasiadamente hostil para um ciclista solitário. Para Caycee Cullen, pedalar sozinha é um desafio a ser enfrentado todos os dias: “Sinto que a rua não é o meu espaço. Eu sinto medo, sou ameaçada. Não sou bem vinda ali”.

**NÃO ESTAMOS
TRANCANDO O
TRÂNSITO. NÓS
SOMOS O TRÂNSITO!**

-definida. O trajeto é espontâneo e é um processo que vem de dentro, não de fora. A polícia impõe ao seu trabalho previsões exatas, ao passo que a Massa Crítica lida com o inesperado, o imprevisível.

Enfrentamentos entre policiais e ciclistas já aconteceram em várias partes do mundo.

Durante a Convenção Nacional Republicana de 2004, em Nova York, por exemplo, a polícia deteve 250 ciclistas alegando que o evento da Massa Crítica havia causado “grandes distúrbios” na cidade. Prisões sob alegações de obstrução de tráfego e desrespeito a policiais também aconteceram em diversas outras cidades, como Seattle, Chicago e Mineápolis, nos Estados Unidos, e Vilnius, na Lituânia. Em 2008, em Nova York, um confronto entre um policial e um ciclista acabou indo parar na Justiça, que decidiu que o policial havia feito declarações falsas sobre a briga e deveria ser afastado de suas funções. A Massa Crítica também lutou na Justiça britânica pelo direito de continuar realizando seus eventos sem dar avisos prévios à polícia sobre o percurso a ser percorrido pelos ciclistas, uma batalha vencida pelo movimento em 2008.

Porto Alegre continuou linda naquela noite de sexta. Não houve nenhum mal-estar com policiais

A Massa Crítica inicia entre dezoito e dezenove horas. Às vezes mais cedo, às vezes mais tarde. Mas o local de partida é também o Largo Zumbi dos Palmares. Lá, provavelmente tu irás encontrar o campeão brasileiro de ciclismo nos anos 1990, Marcelo Sgarbossa. Multicampeão de ciclismo em diversos países como Peru e Itália, Marcelo enxerga no cicloativismo uma questão social imprescindível de ser debatida e fundamentada. Advogado, professor, militante político e especialista em direitos humanos, Sgarbossa critica o uso indiscriminado de combustíveis e lamenta os subsídios dados pelo governo brasileiro para a aquisição de carros. Mas a pedalada está ainda no começo. Mal saímos da José do Patrocínio! Nem tudo está perdido. Marcelo Sgarbossa dedica a sua vida de gestor municipal à batalha pelo espaço do ciclista no asfalto e nas leis. Já amargou derrotas difíceis como a descaracterização do Plano Diretor Cicloviário de Porto Alegre e a rejeição de seus colegas à lei dos trinta segundos para todas as sinaleiras de pedestres. Ele afirma que não desistirá do cicloativismo. Esperamos que não.

NOWTOPIA

Vinte e dois anos, após a primeira pedalada que reuniu cinquenta ciclistas na principal avenida de São Francisco, Chris Carlsson veio ao Brasil em fevereiro de 2014 para lançar o seu livro *Nowtopia: Iniciativas que estão Construindo o Futuro Hoje* (2008). Carlsson dedica um capítulo inteiro ao cicloativismo e define o fenômeno *Massa Crítica*, o qual ajudou a criar, como uma arena importante da política autônoma. Carlsson não poupa críticas aos pseudo-cicloativistas, que usam a imagem da bicicleta como uma ferramenta de autopromoção. “Há muitas revistas de marketing de luxo vendendo bicicletas e roupas de lycra meio frufus [...] além de todas as coisas que você esperaria que uma sociedade de consumo prolífica pudesse promover”. Carlsson deveria conhecer o mecânico de bicicletas, cicloativista e amante das pedaladas, Eduardo Macedo. Desde criança, Macedo conviveu com a bicicleta. Contudo, diferentemente de quase todas as outras crianças, a bicicleta não era somente um brinquedo, mas também um instrumento de trabalho. A mecânica no fundo do quintal da sua casa lhe rendeu diversos amigos e um projeto de vida: tornar a bicicleta um instrumento de trabalho remunerado e um meio de disseminar a ideia do “faça você mesmo”, como um processo de autonomia. Carlsson define que os espaços autônomos tendem, inevitavelmente a tornarem-se pequenas empresas para conseguirem sobreviver. Contudo ele ressalta que se houver a continuidade da divulgação sobre como consertar bicicletas, todo o processo econômico é legítimo. Neste sentido, Eduardo Macedo entende que movimentos como a *Massa Crítica* não podem ser reduzidos ao uso da bicicleta. Fazer isto seria ignorar todo o movimento eufórico de ocupação, ou melhor, de inserção e busca por um espaço no asfalto, além de um trabalho de conscientização coletiva.

Sem grupos nem subgrupos. Uma subcultura subversiva. Na reivindicação de um es-

paço público, a *Massa Crítica* se configura como uma celebração. A mensagem de uma alternativa que está batendo à porta de uma sociedade destruída e corrompida pelo consumo deve ser passada de boca-a-boca, de panfleto em panfleto; mídia tradicional? Só atrapalha o processo. A imagem de quem fica atrás na *Massa Crítica* é de ciclistas auto-organizados espontaneamente. Ouve-se dizer que a *Massa Crítica* não é nada, mas também é tudo. Representam de forma direta todos aqueles que lutam por mais adrenalina e menos gasolina. A pedalada está na esquina da Ramiro Barcelos com a Protásio Alves. O rumo a partir de agora é incerto, mas acredite, será tomada a melhor decisão para todos.

Folder da *Massa Crítica* de Porto Alegre

Folder da *Massa Crítica* de Porto Alegre. O design é em preto e branco, com uma estética tipográfica forte e artesanal. No topo, o título "MASSA CRÍTICA" é escrito em uma fonte grande, caixa-alta e com traços espessos. Abaixo dele, o verbo "PEDALE" aparece em uma fonte menor, também caixa-alta. Segue a frase "TODOS OS DIAS; COMEMORE UMA VEZ POR MÊS!" em uma fonte ainda menor. No centro, há um desenho simples e esquemático de uma bicicleta. Abaixo do desenho, o texto "TODA ÚLTIMA SEXTA-FEIRA DO MÊS" é escrito em uma fonte grande e caixa-alta. Segue "CONCENTRAÇÃO: LARGO DA EPATUR" em uma fonte menor, caixa-alta. Abaixo disso, "ÀS 18h15 - SAÍDA: 18h45" é escrito em uma fonte menor, caixa-alta. No rodapé, a frase "VÁ DE BIKE!" é escrita em uma fonte grande e caixa-alta. Na base do folder, o nome da cidade "PORTO ALEGRE" é escrito em uma fonte muito grande, caixa-alta e com traços espessos, ocupando quase toda a largura.

É SOM DE PRETO, DE FAVELADO, MAS QUANDO TOCA **NINGUÉM** FICA PARADO

“É som de preto, de favelado, mas quando toca NINGUÉM fica parado”

Parece que a Síndrome do Esquentado (programa populista apresentado por Regina Casé, aos domingos, na Rede Globo) atingiu também a Classe A. Brincar de viver na favela e ir a Baile Funk é a mais nova moda elitista. O som da periferia desceu para a Zona Sul.

O funk brasileiro, como conhecemos, surgiu no país na década de 1980. Apesar de homônimo, diferencia-se do funk americano. Na batida, misturamos o gênero estadunidense ao *miami bass* (subgênero do electro conhecido por usar a batida continuada de um equipamento que foi a primeira caixa de ritmos programada) e ao *Freestyle*. Nas letras, se refletem do dia-a-dia nas comunidades. Na década de 1990, vem a popularização do Baile Funk. Nos anos 2000, o estouro na TV e rádios nacionais. Claudinho e Buchecha, MC Marcinho e DJ Malboro são os primeiros artistas conhecidos pelo grande público.

Para a jornalista Danielle Miranda, cuja tese de conclusão de curso aborda o gênero musical, a chegada do funk no canal aberto é uma questão de mercado. Segundo ela, a inclusão – principalmente em TV – é uma questão quantitativa. “Se eu tenho mais gente que ouve funk e está com dinheiro, mais gente que ouve funk e que precisa consumir, então eu vou trazer mais espaço de funk. Vou pôr o funk na abertura na novela, vou pôr uma protagonista funkeira. Mas isso não quer dizer que eu estou fazendo uma inclusão social, uma inclusão cultural, que a mídia não está se reapropriando do que é o funk e construindo de outra forma. Porque mostra o funk mas mostra cristalizado. Não traz o MC ou a APAFunk pra falar.”

A APA Funk – Associação de Profissionais e Amigos do Funk - surgiu dentro das comunidades cariocas, como um espaço para ajudar MC's, e no início tinha um aspecto mais voltado

ao mercado (treinar mcs, ensinar a usar os aparelhos, combinar preços) mas depois começam a executar outros projetos, como introduzir o funk consciente nas escolas públicas, discutir com as crianças o funk proibidão, violência, apologia às drogas, e promovendo uma reflexão sobre o que se elas estão ouvindo e cantando. A associação, então, buscou parceiros de grande projeção nacional, como Fernanda Abreu, Marcelo Yuka e o político Marcelo Freixo, que ajudou a combater uma lei que proibia a realização de bailes funks.

Em 3 de novembro de 1999 a Resolução 182 da Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro instituiu, por iniciativa do deputado Alberto Brizola (PFL), Comissão Parlamentar de Inquérito “com a finalidade de investigar os ‘Bailes Funk’, com indí-

cios de violência, drogas e desvio de comportamento do público infanto-juvenil” (art. 1o). A “CPI do Funk” resulta na Lei 3410, promulgada em 30 de maio do ano 2000, responsabilizando pelos bailes

os presidentes, diretores e gerentes dos locais onde são realizados (art. 1o); obrigando-os a instalar detectores de metais na portaria (art. 2o); exigindo a presença de policiais militares durante todo o evento (art. 3o); requerendo permissão escrita da polícia (art. 4o); autorizando a interdição de locais onde se realizem atos de violência incentivada, erotis-

mo e pornografia (art. 5o); proibindo a execução de músicas e procedimentos de apologia ao crime (art. 6o); impondo à autoridade policial a fiscalização da venda de bebidas alcoólicas para menores (art. 7o).

“Se eu tenho mais gente que ouve funk e está com dinheiro, mais gente ouve funk e que precisa consumir, então eu vou trazer mais espaço de funk.”



FOTO: MARINA BITENCOURT

Danielle lembra que os Bailes Funks eram um espaço de cultura e lazer num lugar que tinha muito menos opções que atualmente, já que antecede a pacificação e ascensão da classe média, e também era fonte de renda.

Em 22 de setembro de 2009 a Lei 5544, dos deputados Marcelo Freixo (PSOL) e Paulo Melo (PMDB), revoga esta lei. Na mesma data entra em vigor a Lei 5543, de Marcelo Freixo e Wagner Montes (PDT). Fica definido que o funk é um movimento cultural e musical de caráter popular (art. 1o). Compete ao poder público assegurar a esse movimento a realização de suas manifestações, sem regras diferentes das que regem outras da mesma natureza (art. 2o). Os assuntos relativos ao funk devem ser tratados, prioritariamente, pelos órgãos do Estado relacionados à cultura (art. 3o). Fica proibido qualquer tipo de discriminação ou preconceito social, racial, cultural ou administrativo contra o movimento (art. 4o). Os artistas do funk são agentes da cultura popular e, como tal, devem ter seus direitos respeitados (art. 5o). No entanto, em parágrafo único, o artigo primeiro exclui “conteúdos que façam apologia ao crime” da rubrica “movimento cultural e musical de caráter popular”.

Em 2000 o Baile Funk é proibido, 14 anos depois xs filhxs dos magistrados o frequentam...

A partir do momento que funk é compreendido como cultura, passa também a ter acesso a direitos como Lei Rouanet – uma lei federal de incentivo à cultura. Tem que sair da informalidade e das comunidades e virar Lei para se legitimar e poder ser exercido livremente.

Em geral, as pessoas que pregam esse estilo musical nos espaços públicos, não trabalham com o “funk proibidão” ou com apologia as drogas e violência. É uma letra mais “limpa” e romantizada. Esse sub-gênero está sendo consumido pela classe A.

Há uma confusão quando se fala de funk de classe A, com funk ostentação. Não necessariamente a classe alta escuta este último (apesar de MC Guime fazer parte de seu repertório, por exemplo).

“Acho que esses bailes funks de classe alta incentivam essa coisa egocêntrica do champagne, da vodka cara, nas meninas interagindo com isso. É de certa forma um espaço de ostentação, mas é uma maneira de fazer isso em um espaço em que outras festas, como o coquetel, festa do seu curso particular, não vai poder fazer.”

Na opinião de Danielle, “a classe A identificou espaços onde ela pratica o que tem de exótico, diferente na periferia, de poder se libertar, em um espaço que ela pode fazer isso sem um julgamento social das pessoas da mesma classe dela. De repente essa pessoa se comporta na faculdade de uma maneira, e quando vai à festa põe outro vestido, outro salto, dança de outra maneira. Acho que esses bailes funks de classe alta incentivam essa coisa egocêntrica do champagne, da vodka cara, nas meninas interagindo com isso. É de certa forma um espaço de ostentação, mas é uma maneira de fazer isso em um espaço em que ou-

tras festas, como o coquetel, festa do seu curso particular, não vai poder fazer.”

Em Porto Alegre, as festas de classe alta que eventualmente tocam funk são o Vidigal Samba House (Rua.Castro Alves, 825) e a Pixy Club (Rua Casemiro de Abreu, 1233). Em entrevista à 3x4, Guilherme Scherer – que apesar de ter apenas 24 anos já esta envolvido com promo-

ção de festas há 5 – que é um dos proprietários do Grupo Matiz, grupo produtor do Bondinho da Pixy, deixa claro que seu público é a classe A, e que não correm o risco de mudar o público para uma classe mais baixa por conta dos preços altos. Na noite funk, os ingressos podem custar de R\$70 (feminino) a R\$100 (masculino).

Na criação do Grupo Matiz, que ocorreu em setembro de 2013, Guilherme conta que “dentre as estratégias que resolveram traçar, queriam começar um projeto novo em Porto Alegre, que era o Funk, que existe, mas para uma classe mais baixa, não tinha entrado numa classe A e B. Foi aí que tivemos a ideia de montar um projeto e trazer uma festa que viesse do Rio, que é o Bondinho, que até então não tinha em Porto Alegre, ninguém fazia funk em casas de luxo. Hoje ele acontece. Nas melhores casas noturnas daqui o funk está presente.” Segundo ele ainda, o público é o mesmo das outras festas que as casas produzem, mas arrisca dizer que as pessoas hoje curtem mais o funk do que os outros estilos.

A diferenciação das festas é as atrações, que são em geral, caras. As mais requisitadas no momento são nomes como MC Guimé, MC Coringa, Valesca Popozuda, Bonde do Tigrão, Os Havainos, MC Pekenó e Menor e Dennis DJ.

Já diria DJ Malboro, na música-título da reportagem “O nosso som não tem idade, não tem raça/E nem tem cor /Mas a sociedade pra gente não dá valor/ Só querem nos criticar pensam que somos animais/ Se existia o lado ruim hoje não existe mais.”



FOTO: MARINA BIENCOURT



FOTO: MARINA BIENCOURT

GOSTOSA É O TEU
PÁI!

*Não Vou vitimizar
Também, não vou calar
Cansei!
E sei do que quero falar.*

(Milonga Blues - Orquestra de Mulheres)



Orquestra de Mulheres no Vale Doze e Trinta em junho de 2014

“Fiu-fiu”, “Ô lá em casa”, “Gostosa”, “Oi linda”, “E aí princesa?”. Essas são expressões que mulheres ouvem constantemente nas ruas, ditas por desconhecidos. O que para eles é uma maneira de elogiar, para elas é uma forma de opressão. Sair de casa sozinha e ir caminhando para qualquer lugar não é uma atividade tão simples para as mulheres, pois existem muitas limitações cotidianas. Os amigos sempre recomendam para não andar a noite sozinha e não sair com roupas muito curtas por aí. Segundo a pesquisa, *Mulheres Brasileiras nos Espaços Públicos e Privado*, realizada pela Fundação Perseu Abramo em 2010, uma em cada cinco mulheres já sofreu algum tipo de violência verbal ou física por parte de homens no Brasil.

Para denunciar a realidade machista dominante nas ruas, no mercado de trabalho e nas próprias casas, mulheres estão ocupando espaços na mídia e na arte para expor os diversos problemas que enfrentam diariamente. No Brasil, a música vem sendo um dos principais instrumentos para isso. No funk, personalidades como Valesca Popozuda e MC Mayara compõem letras que empoderam as mulheres como donas de seus corpos e de suas decisões, defendendo a libertação sexual feminina. Afinal, como diz Mayara em sua teoria da Branca de Neve “por que só ter

um se eu posso ter sete?”. No rap, cantoras como Yzalú e Karol Conká expressam nas suas músicas a especificidade do machismo contra as negras. Nesse contexto de ocupar espaços tradicionalmente de homens surgiu, em Porto Alegre, a Orquestra de Mulheres.

A Orquestra foi formada em novembro de 2012 para participar do Festival, o festival de culturas do Centro de Vivência do Campus do Vale, da UFRGS. Apesar de não ser proibida a participação de mu-

lheres no evento, a presença feminina era inexistente nas apresentações. Então, um grupo de estudantes resolveu montar a Orquestra de Mulheres para ocupar aquele espaço. Com apenas duas semanas de ensaio, elas pegaram as letras do álbum *Estudando o Pagode: na Opereta Segregamulher e Amor*, do Tom Zé, que fala da opressão à mulher, e cada menina do grupo foi tocando com algum instrumento do jeito que sabia, sem obrigações técnicas. Uma verdadeira experimentação musical. Michele Leão, ou Micha como é conhecida, uma das integrantes da Orquestra, conta como foi a preparação para o festival: “Ensaíamos, fomos para estúdio. Foi bem interessante a nossa experiência enquanto uma banda de mulheres ocupando um espaço de estúdio, que geralmente é um lugar de bandas de homens. Até houve um choque na hora que chegou aquela mulherada. A gente surpreendeu ainda mais porque não tínhamos os instrumentos musicais tradicionais, não havia bateria ou guitarra, a gente chegou com nós mesmas... e foi lindo.”

Os principais instrumentos utilizados pela Orquestra de Mulheres nas suas músicas são o tambor, o pandeiro e os chocalhos, valorizando a

batucada. No entanto, as composições são bastante livres. É o que afirma Sofia Robin, uma das meninas da banda: “Para cada música a gente vai tentando ver qual é o clima. Fica totalmente ao nosso critério a questão da musicalidade. Variam os instrumentos utilizados e a forma de tocar em um som mais pesado, mais combativo e em um som mais doce, em que as palavras precisam ser ouvidas”. Todas são unânimes ao dizer que a técnica não é o principal. O importante é a mensagem que a Orquestra quer passar, por isso as vozes são a base do trabalho. Os instrumentos são apenas complementos.

As letras buscam retratar a violência contra a mulher e o jeito que os homens as tratam. A ideia é chamar as mulheres para a luta e tentar conscientizar os homens. “As músicas tentam desinvisibilizar a opressão. A coisa mais recorrente que existe é dizer que falar de feminismo é histeria e exagero, que a discriminação não existe. ISSO EXISTE, SIM. Então, a gente faz a denúncia da violência e tenta agregar mais mulheres no movimento”, explica Sofia.

O SEU PINTO NÃO É O CENTRO DO MUNDO

Em relação a recepção do público, as meninas da Orquestra contam que as mulheres se identificam muito. Existe uma troca de experiências e a propagação do sentimento de que nenhuma mulher está sozinha. Todas enfrentam assédios na rua, são discriminadas no mercado de trabalho, ganham salários inferiores, são obrigadas a se enquadrar em padrões de beleza e de comportamento. O importante é ter espaços para denunciar essas e tantas outras formas de opressão. “A Orquestra é como uma oficina de expressão, não só musical, mas de criar caminhos de libertação para mulheres com anseios, demandas e vozes engasgadas, com nós na garganta. Eu fico imaginando quantas mulheres não devem ter outras coisas para dizer aí fora e não tem esses espaços”, relata Georgia Manfroi, que é integrante da Orquestra de Mulheres e da banda de anarcofunk e anarcorap, Putinhas Aborteiras.

Já os homens têm certa resistência ao conhecer a banda. “Enquanto as meninas se sentem contempladas

com as nossas letras, os meninos já apresentam alguma resistência. Não é fácil para eles escutar que o pinto deles não é o centro do mundo. Eles não saem de boa. Eles saem pensativos, que bom!”, conta Micha. “Nós vemos caretas por parte dos meninos e lágrimas por parte de várias meninas”, completa Georgia.

Para eles ainda é difícil entender que a mensagem da Orquestra ultrapassa os padrões da técnica musical. Muitos homens na tentativa de menosprezar o trabalho do grupo levam as críticas para esse lado. “É importante superar qualquer tentativa de deslegitimar a banda. Sempre tem o comentário sobre a qualidade técnica da banda ou dizem ‘até que vocês melhoraram’. Mas não é isso que está em jogo”, destaca Sofia.

PODIA SER DIFERENTE. JÁ IMAGINOU?

As letras da Orquestra de Mulheres desconstruem o pensamento machista que é difundido na nossa sociedade. Sofia destaca que a importância do trabalho da banda começa ao forçar a mudança de comportamento dos homens mais próximos: “As pessoas mais próximas de nós, às vezes, tem os comportamentos mais machistas e opressores nas sutilezas. É duro enxergar, que às vezes o teu irmão ali, que é teu brother, parceria, o teu namorado, o teu vizinho, menosprezam a capacidade das mulheres. Então a gente está ali combatendo as pequenas opressões também”. Todas as meninas do grupo percebem que o comportamento dos amigos mudou desde que elas começaram a participar da Orquestra. Durante as discussões, eles passaram a cuidar o que dizem. Para elas, esse é um ponto positivo, pois mostra que o trabalho está gerando resultados.

Muitas mulheres se identificam com as pautas feministas e tem vontade de fazer a diferença no mundo, mas não tem coragem de entrar no movimento por falta de conhecimento teórico. Bruna Silveira Marques da Or-

questra de Mulheres percebe que o grupo também ajuda a mudar a realidade nesse sentido: “A nossa mensagem é tão sensível que parece que ela abraça as mulheres. Elas já se sentem parte da luta. A nossa musicalidade pulsa o feminismo”.

Desde que entraram na Orquestra de Mulheres, as integrantes do grupo sentem que o importante é des-teorizar. Se o momento é o da prática, o movimento feminista precisa acompanhar isso. “Botar o bloco na rua é muito mais importante do que sentar para conhecer as teorias e virar uma erudita no assunto. O lance é empoderar a voz e o corpo”, defende Sofia.

A mudança é o que move o grupo. Ao defenderem a ideia que ninguém nasce feminista, mas todas nascem mulheres, sabendo como é a opressão da sociedade patriarcal, a Orquestra está aberta para qualquer uma entrar, fazer a sua arte e expressar os seus desejos. Para Georgia, “você pode não se dizer feminista, pode não ler coisas relativas ao tema, mas você sabe o que é ser mulher nesse mundo e isso te dá ferramentas para inúmeras ações. Você não curte que o mundo seja assim. Podia ser diferente. Já imaginou?”. Independente de haver militância ou leitura, o objetivo é provocar uma reflexão sobre o mundo em que vivemos. “Apresentar novas possibilidades. Isso é mais que uma semente, é uma confusão, é a instalação do caos na cabeça de uma pessoa”, conclui Georgia.

O PLANO É NÃO TER PLANO

As integrantes da Orquestra não têm planos definidos para o futuro. Elas vão aproveitando as oportunidades que vão surgindo. A divulgação da banda não passa por estratégias planejadas de marketing, nem pelo uso das redes sociais. O trabalho das meninas se propaga através de uma ocupação física. Elas levam a mensagem por onde passam. Muitas vezes, cada uma está em um lugar diferente, uma está tocando em uma festa, outra está em um protesto, outra está no seu local de trabalho, mas elas estão sempre divulgando os ideais da Orquestra. “Onde a gente está, a Orquestra está junto. Eu estou numa reunião com amigos, eu estou com a Orquestra. Eu não vou estar falando de Or-

questra, mas eu vou estar com a experiência da banda em mim e de certa forma divulgando. Isso é a Orquestra, é um movimento, que a gente está em todos os lugares”, conta Micha.

A banda também não tem planos de restringir o trabalho só na música e de se profissionalizar. A ideia é manter a liberdade para se fazer o que se tem vontade, não impondo regras que limitem o processo criativo nem a participação de outras meninas. Para Bruna, “a Orquestra sempre foi uma banda que se manteve aberta para outras mulheres chegarem e colarem junto, tanto para ler poesias, para tocar, para cantar, para fazer malabares, se apresentar com bambolê... e até hoje se mantém assim. Algumas saem, outras entram. A Orquestra vai seguindo o fluxo”.

As meninas contam que justamente pela Orquestra ter um caráter aberto, mesmo sem planejar, a banda já mudou bastante desde a sua criação. “No começo, a gente se apresentava como não-musiciastas. Mas, hoje em dia, eu sinto que o que a gente faz é uma música militante, engajada, feminista e com voz. A gente fazia arte, eu não sabia dizer o que era exatamente. Hoje, a gente faz algo bem mais elaborado. Fomos mudando naturalmente”, analisa Georgia.

Sem planos para a banda, mas com uma ideia fixa: mudar a sociedade que temos. Essa é a Orquestra de Mulheres. Elas apresentam suas experiências a partir do próprio olhar, livre dos estereótipos difundidos por aqueles que não as vivenciam. É uma desconstrução do discurso dominante na sociedade patriarcal, produzido pela visão do homem, branco, de classe média e heterossexual. Será que se todas as opressões sofridas pelas mulheres atingissem os homens ricos continuaria tudo como está? Será que se fossem homens que estivessem morrendo em clínicas clandestinas, o aborto não seria legalizado? Será que se os patrões não respeitassem os direitos de homens “grávidos”, isso continuaria acontecendo? O que será que aconteceria se chamassem de gostosa um “pai de família”?



Mulheres, apaixonadas, organizadas

“Não tem como descrever. É uma energia tão forte, é um sentimento tão forte, como se você tivesse dentro do campo com os jogadores [...] é uma sensação mágica”

(integrante da Geral, Kátia Barreto)

*“Grêmio eu
te dou a vida
Tu és a alegria do
meu coração
Saber é um sentimento
O que nós queremos
é ser campeão*

*“Inter, esta-
remos contigo...
Tu és minha paixão !
Não importa o que digam
Sempre levarei comigo
Minha camisa vermelha
e a cachaça na mão
O Gigante me espera ..
Para começar a festa...”*

Patrícia Moreira não suscitou apenas a discussão sobre o racismo no futebol brasileiro como, também, o questionamento sobre o papel das torcidas organizadas nos estádios. Mas a repercussão negativa sobre o ato de uma torcedora pode representar um retrocesso a toda luta feminina por um lugar no futebol? Para a integrante da Geral, Kátia Barreto: “não, racismo não tem gênero”. Mas o preconceito tem. E foi contra ele que, por longos anos, as mulheres lutaram até conquistarem um espaço nos estádios, nas torcidas, no futebol.

FREQUENTA, NÃO, FREQUENTA

O esporte, que chegou ao Brasil no final do século XIX, começou a se popularizar em meados dos anos 1930 e 1940, com o surgimento e consolidação de grandes clubes pelo país. No Rio Grande do Sul, em especial, com o Grêmio Football Porto Alegrense e o Sport Club Internacional. “No Rio de Janeiro e em São Paulo, onde a coisa andou mais para um caminho profissional, o espaço das mulheres era muito pequeno. Aqui no Rio Grande do Sul nesse período tu tinhas, especialmente no Grêmio, uma participação maior das mulheres nos estádios”, explica Marcelo Pizarro Noronha, que há alguns anos estuda a relação mulheres e futebol. Na sua tese *Futebol é coisa de mulher! Um estudo etnográfico sobre o “lugar” feminino no futebol clubístico*, o pós-doutorando em Educação Física pela UFRGS conversou com algumas mulheres “que contaram que acompanhavam os jogos na Baixada do Grêmio e era muito comum que as suas avós chegassem até a fazer vestidos, roupas de tricô e crochê, para que elas fossem acompanhar o Grêmio nas arquibancadas”, explica Marcelo.

Com a afirmação do esporte e o projeto de sagrar o Brasil como o país do futebol, houve uma “territorialização do espaço”. “Ele vira espaço masculino [...] e a mulher, para usar uma linguagem futebolística, passa não só a ser ‘escanteada’ do futebol

como de várias outras esferas sociais” conclui.

No entanto, com o passar dos anos, as mulheres foram reconquistando o seu lugar na sociedade, diminuindo diferenças e alcançando a independência econômica. Após o hiato de algumas décadas, voltaram a frequentar os estádios. No retorno, a figura feminina não era vista com “bons olhos” pelas arquibancadas. Kátia Barreto, 40 anos, conta que quando era criança a mulher dificilmente ia ao estádio porque era marginalizada, vista como prostituta: “o homem não tinha a visão de que mulher podia gostar de esporte, de futebol”. “Eu me lembro que quando uma mulher ia no estádio não podia ir de calça justa nem com roupa curta, coisa que hoje não existe mais [...] a mulher hoje é muito mais respeitada. Nós estamos, sim, conquistando o nosso espaço também nos estádios [...] hoje 33% da torcida do Inter é de mulheres” complementa a presidenta da Força Feminina Colorada (FFC), Malu Barbará.

PAIXÃO

Além de amantes do futebol, integrantes de torcidas organizadas, mães e professoras, essas duas mulheres se dedicam a acompanhar e torcer pelo time do coração. “Hoje eu não consigo ficar sem o Grêmio, sem tá com o pessoal da torcida”.

Kátia se volta exclusivamente ao time: “a minha programação é junto com a programação da Geral. Eu vejo quando são os jogos e depois encaixo as coisas [...] minha família reclama, mas o Grêmio está em primeiro lugar”, completa.

Já para a presiden-

Kátia Barreto [no meio] com as amigas em uma partida do Grêmio



FOTO: ARQUIVO PESSOAL

ta da FFC, o Inter não é tudo na sua vida, mas ocupa um grande espaço: “é uma paixão, é algo que me desestressa, que me faz passar um tempo muito agradável e que me dá muito prazer”.

Uma começou a frequentar o Olímpico aos cinco anos de idade acompanhando o pai que possuía um bar dentro do estádio. Na infância era colorada, mas com os títulos e o surgimento das torcidas, o sentimento pelo Grêmio começou a nascer. Se a influência do pai não foi suficiente para tornar Kátia mais um membro da nação tricolor, o filho, que é extremamente gremista, foi decisivo nesse processo. Quando o pai da integrante da Geral fechou o estabelecimento no monumental, Kátia e o filho pararam de ir ao Olímpico. “Mãe, nós nunca mais fomos nos jogos” e assim, a família retornou aos estádios “da venda para dentro da torcida” salienta a gremista. “Promete que em todos os jogos do Grêmio nós vamos ir? Sim, prometo”. E foi dessa maneira, levando o filho, que começou a tocar na banda da organizada, que Kátia Barreto entrou na Geral: “eu fui por causa do meu filho, mas criei vínculos de amizade, tem o ponto em comum, o time que torce [...] você quer estar ali com aquelas pessoas naquele lugar”.

A outra, do mesmo jeito, era colorada desde criança: “meu pai era colorado, minha mãe, minha avó, meus tios... toda a minha família é de colorados”. Malu começou a participar da FFC alguns dias depois da sua criação, em 2009. Em pouco tempo se tornou presidenta da Força. Se no caso gremista, o filho influenciou, na história colorada é a mãe que está levando os filhos para dentro da torcida: “uma das minhas filhas sim, inclusive, ela é vice-presidente”. E foi com esse clima de família que a Força Feminina Colorada foi criada, através de um grupo de mulheres que decidiu que

já estava na hora de ter uma participação mais efetiva no clube: uma publicação numa das comunidades relacionadas ao Inter no Orkut resultou num encontro na Usina do Gasômetro e na concepção da única torcida feminina do clube, no dia 24 de maio. Das iniciais onze integrantes, hoje, a torcida possui 80 mulheres, que se revezam para manter a média de 50 torcedoras por jogo. “Tem mulheres de 50, de 40, de 30, de 20 [anos], tem de todas as idades. Isso é muito legal, nós temos muitas mães e filhas” finaliza Malu.

DEDICAÇÃO

Em cada jogo “em casa”, o mesmo ritual: além de ir ao estádio, os integrantes das organizadas se reúnem para uma confraternização antes das partidas. Malu Barbará, que frequenta os gramados há mais de vinte anos, conta que normalmente a FFC se reúne no *Tele X*. “Às vezes quando o jogo é mais tarde nós fizemos um churrasco aqui em casa e saímos todo mundo daqui [...] vamos direto para o estádio, mas se o jogo é as 16h aí fica apertado, porque a gente tem que colocar as faixas” explica. No lado gremista, o ponto de encontro é o *Bar do Ito*: “tem churrasco, cerveja [...] o pessoal vai cedo para lá porque todos estão lá por um mesmo ideal” conta Kátia Barreto.

Mas participar de uma torcida organiza-



FOTO: DIVULGAÇÃO

da é muito mais do que ir ao estádio torcer. Aquele sentimento de pertencer a um determinado grupo, seja nação tricolor ou colorada, faz parte do dia a dia das integrantes. “Hoje o que preenche a minha vida é o Grêmio: pelos vínculos de amizade, as viagens, os programas à noite”, comenta Kátia, que atualmente mora sozinha. Ela afirma que o seu prazer e a sua alegria é ir aos jogos do Grêmio: “ir incentivar o meu time”, complementa.

Presidenta há mais de quatro anos, Malu apoia as companheiras de torcida de todas as maneiras. “Amanhã mesmo eu tô levando duas das nossas meninas para o aeroporto, elas vão para Belo Horizonte assistir ao jogo (Inter e Cruzeiro)” salienta. Curiosamente, a equipe mineira também possui a sua FFC (Força Feminina Celeste) recém-criada pelas torcedoras da raposa. “Nós temos uma relação muito saudável entre as torcidas [...] baseada no respeito, na camaradagem, no companheirismo”, é assim que a presidenta da Força descreve a relação com as outras organizadas femininas.

ESPAÇO EFETIVO

A mulher conquistou, e ainda está conquistando

o seu espaço nesse ambiente que era estritamente masculino. Mas a discrepância entre o número de homens e mulheres nos estádios ainda é grande. Para o estudioso Marcelo Pizarro Noronha: “o futebol é um espaço de resistência, tanto masculina quanto da própria mulher. O machismo não é próprio de um sexo, não é uma coisa do homem contra a mulher ou da mulher contra o homem. É uma cultura que permeia os dois sexos”. “Mas aí entra a questão filosófica da nossa liberdade, do feminismo. Nós somos muito mais liberais do que éramos há trinta anos [...] a liberdade da mulher está intimamente ligada com o aumento das mulheres no futebol” explica Malu. E como tudo que quebra barreira é um processo longo, “é com o tempo, com anos de respeito e batalhando por espaço [...] para que outras pessoas possam entrar [nas torcidas organizadas]” finaliza Kátia.

Dois mulheres, duas histórias diferentes que se cruzam em meio à magia de estar dentro de um estádio, de entoar os cânticos do clube, de apoiar o time ao lado de pessoas que possuem o mesmo sentimento: “uma família”, é como as duas veem a Geral e a Força Feminina Colorada.

“Ooooooh
Vamo, vamo Inter,
Vamo, vamo Inter,
Vamo, vamo
Inteeeeer....”

“A mulher ir pro jogo, ir na torcida... sempre cria um mistério”

“Vâmo,
vâmo tricolor
Hoje eu vim te apoiar
Para te ver campeão
Para te ver ganhar”

A OBRA É DELAS

Elas vivem em um clima harmonioso no ambiente de trabalho, conversam tanto entre si quanto com os colegas que são, em sua maioria, homens fazem brincadeiras, dão risadas e trabalham muito. Lizandra, Isabete e Meriam são mulheres que trabalham na construção civil. Atualmente elas são funcionárias em uma empresa terceirizada que faz reformas para o Hospital de Clínicas. Já enfrentaram preconceito, mas superaram esses obstáculos.

Lizandra está com 31 anos e é pintora há 5 anos. Desde pequena via o padrasto trabalhando na construção civil e gostava de estar na volta dele o ajudando. Quando foi crescendo, viu que não se sentia atraída pelos afazeres domésticos ou outros trabalhos que são predominantemente feito por mulheres, mesmo assim, tentou trabalhar em vários empregos que não tinham relação com a construção civil, foi balconista, atendente, porém não se adaptou a nenhum deles.

Surgiu então, uma oportunidade de trabalhar na construção civil, neste lugar em que foi admitida fez um treinamento para trabalhar como auxiliar de produção de alvenaria, azulejista e pintura. Foi o seu primeiro contato com a construção civil, onde aprendeu as bases para a nova profissão. Um tempo depois, saiu dessa empresa e quando entrou em outra foi contratada para a vaga de auxiliar de produção, entretanto o antigo chefe de Lizandra gostou de seu desempenho e viu o potencial dela como pintora. Logo o cargo de Lizandra mudou para a área da pintura.

Para se aperfeiçoar, Lizandra procurou aprender com os profissionais que já eram da área, como

colegas. Em sua família havia a cunhada que também já era pintora, além disso, Lizandra carregava a experiência que havia adquirido com o padrasto.

A família sempre apoiou o trabalho dela na construção civil. O padrasto e o marido a incentivaram, pois eles sabiam que ela gostava disso. Além do mais, nesse emprego ela seria melhor remunerada do que nos antigos lugares onde trabalhou. Lizandra percebeu que além de fazer o que gosta, tem agora mais tempo para a família, podendo dar atenção para seus filhos e seu marido.

Por outro lado, no antigo emprego foi discriminada pelos colegas. Devido à sua dedicação, Lizandra havia se tornado a chefe do setor de pinturas. Quando apareceu um novo funcionário ele dizia a ela que não seria mandado por uma mulher e que ela deveria ir embora, então Lizandra inteirou o chefe sobre o que estava acontecendo e logo, ele disse que se não estivesse satisfeito, quem deveria ir em-

bora era o funcionário novato, pois ela era a melhor trabalhadora da empresa na área da pintura.

Lizandra, além da dedicação, sempre procurou ser assídua ao trabalho, não chegando atrasada, nem faltando. Devido à discriminação ela queria provar que era capaz de fazer o seu trabalho com perfeição. Foram alguns meses sofrendo muito preconceito. Diziam que ela não mandava em nada, pois era mulher e deveria estar no tanque e no fogão, mas aos poucos ela foi ganhando respeito no seu antigo ambiente de trabalho, superando as dificuldades. Na atual empresa onde trabalha não precisou enfrentar nada disso.

Ela conhece muitas mulheres que trabalham no setor da construção civil. Na primeira empresa onde passou foram admitidas 150 mulheres. Ela vê que tem crescido o número de mulheres nesse mercado, principalmente na área de acabamento, pois mulheres são procuradas por serem mais detalhistas. Lizandra afirma que talvez as mulheres não tenham o mesmo pique dos homens, mas que o trabalho delas é mais completo e de qualidade.

“Eu dou força para a mulherada. Vamos todo mundo para a obra!”

Dona Isabete tem 55 anos e é auxiliar de produção. Ela trabalha na construção civil desde 2012 e foi empregada doméstica durante 22 anos em casa de família. Foi a filha de dona Isabete que começou na construção civil, pois ela indicou a mãe para o cargo de auxiliar de produção. Depois, sua filha saiu da área mas dona Isabete continuou.

Inicialmente foi a filha que incentivou ela a mudar de emprego. Dona Isabete achou que nem tinha mais condições de mudar, pois ficou muito tempo estagnada. Entretanto, quando foi para a construção civil gostou muito. Ela considera o ambiente de trabalho muito bom e a remuneração melhor, hoje Dona Isabete tem seus direitos trabalhistas garantidos. Em 10 meses de trabalho na construção civil, teve muito mais direitos do que em 22 anos como empregada doméstica.

Ela gosta de trabalhar desde criança em ambien-

Dona Isabete

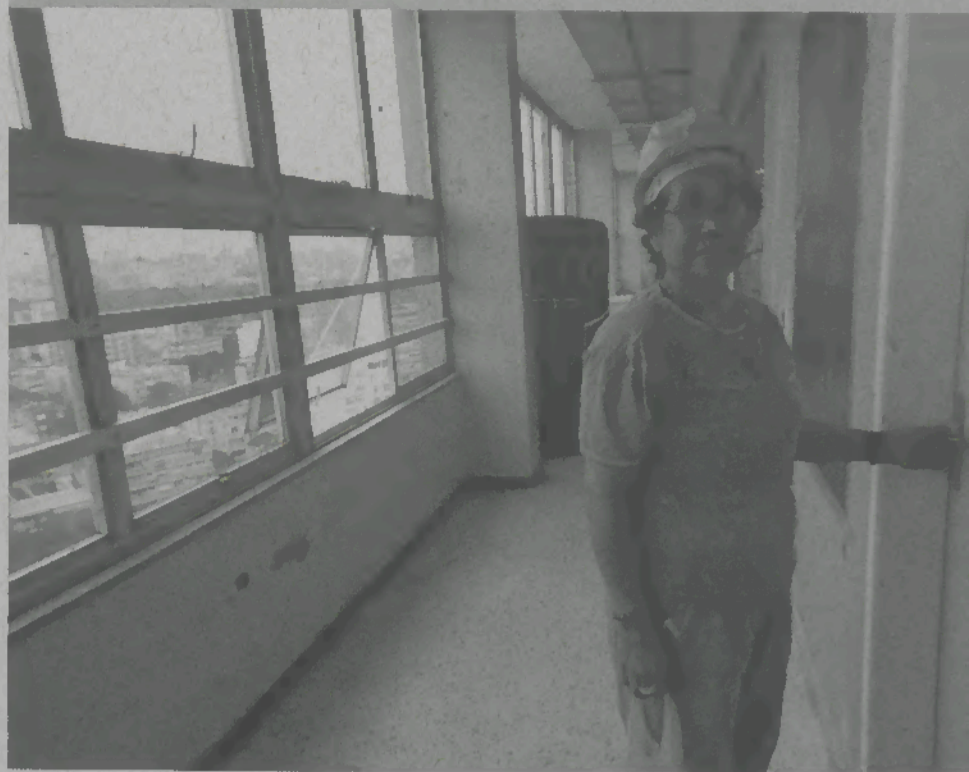


FOTO: SUELEM FREITAS

Meriam



FOTO: SUELEM FREITAS

Lizandra



FOTO: SUELEM FREITAS



Meriam, Lizandra e Dona Isabete

tes onde têm homens pois, para ela, há mais respeito, além de achar que “mulher com mulher tem muita fofoca”. Ela tem uma boa relação com os colegas, só não gosta que a chamem de tia ou “tia véia” como a apelidaram, mas considera as brincadeiras saudáveis.

Não sofreu preconceito de colegas ou família, mas quando ela disse para sua ex-patroa que estava saindo para trabalhar na construção civil a mulher deu risadas e debochou de dona Isabete. A ex-patroa achava que Isabete não iria aguentar, mas Isabete achou o trabalho super tranquilo, pois a idade não a atrapalha. Ela acha que poderia ter começado bem antes na construção, porque acha muito melhor que o antigo emprego. Agora sente que tem um profissão de verdade, principalmente devido aos direitos trabalhistas.

“É melhor de se fazer algo que tu gosta, pois tu pode fazer o melhor que tu consegue!”

Meriam tem 28 anos e trabalha como auxiliar de produção aonde faz o acabamento da obra limpando as estruturas reformadas. Há poucos meses, ela estava à procura de emprego e quando viu a vaga não sabia muito bem do que se tratava, porém, mesmo assim, fez uma entrevista e logo foi contratada.

A família de Meriam inicialmente achou estranho. A sogra disse que trabalhar na construção civil era coisa para homem. A prima falou que por

ela ser bonita deveria estar trabalhando em uma loja ou em outra coisa, e que a construção civil era para homens.

A relação de Meriam com seus colegas de trabalho é muito tranquila. Ela é bastante comunicativa, assim, não teve dificuldades para começar a conversar e fazer piadas com eles. Meriam foi bem recebida, e afirmou que não houve preconceito por parte deles.

A moça de aparência jovem é bastante vaidosa. Vai todos os dias maquiada para o trabalho e falou que só não pinta as unhas, pois o esmalte sai facilmente devido à profissão.

Meriam gosta do que faz e afirma “às mulheres que acham que isso é só coisa para homem, é bom dar uma de “machona” e conhecer a profissão”. Ela achou muito bom fazer algo diferente e conhecer esse ambiente que é predominantemente masculino, mas que também tem espaço para as mulheres.



MULHER NA ASTRONOMIA

Como o universo surgiu? Levou milhões de anos para se formar o sistema planetário ou, como diz na Bíblia Sagrada, foi Deus que criou ele em sete dias? Foram estes questionamentos e leituras de revistas infantis científicas que incentivaram a curiosidade de Miriani Griselda Pastoriza, que se tornou um dos nomes femininos mais conhecidos na Astronomia.

DE UMA CURIOSIDADE SURTIU UMA ASTRÔNOMA

Numa cidade pequena no norte da Argentina, onde a região era muito árida e não havia paisagens, que Miriani se encantou com a beleza do céu e seus milhões de estrelas. Com seus nove anos ela podia observar a via láctea. Foi com o interesse na leitura que circulava na época chamada O Mundo Infantil, onde tinha diversas publicações científicas, que a argentina percebeu que havia um conflito com a religião. Sua família ia muito para a Igreja e isso fez com que ela questionasse o padre o porquê de na Bíblia dizer que Deus tinha criado o universo em sete dias se na revista que ela lia, na verdade, dizia que havia levado milhões de anos. O padre respondeu dizendo que não devia duvidar do que a Bíblia diz e ainda mandou rezar alguns pais nossos e ave-marias.

Cercada de bibliotecas e tendo como uma das principais diversões para as crianças na época, foi através da leitura de inúmeros livros, revistas e gibis que Miriani foi se inteirando cada vez mais sobre o assunto. Uma das brincadeiras prediletas dessa futura astrônoma era reunir as crianças e fazer leituras, como se estivesse dan-

do aula - uma professora. A vocação de ensinar também já se despertava desde muito cedo.

Com a conclusão do segundo grau ela já sentia a necessidade de pensar no futuro. E não havia dúvidas da qual seria sua decisão. Na mesma época lançaram a primeira nave, que não tinha nenhum ser humano. Era uma cachorrinha que estava nela, e em uma discussão em sala de aula Miriani se manifestou dizendo que ela gostaria de ser a cachorrinha, que aí poderia observar a terra, de fora dela. O interesse no assunto era tanto que a jovem ia para as festas e quando a tiravam para dançar, ela falava sobre universo, galáxias e

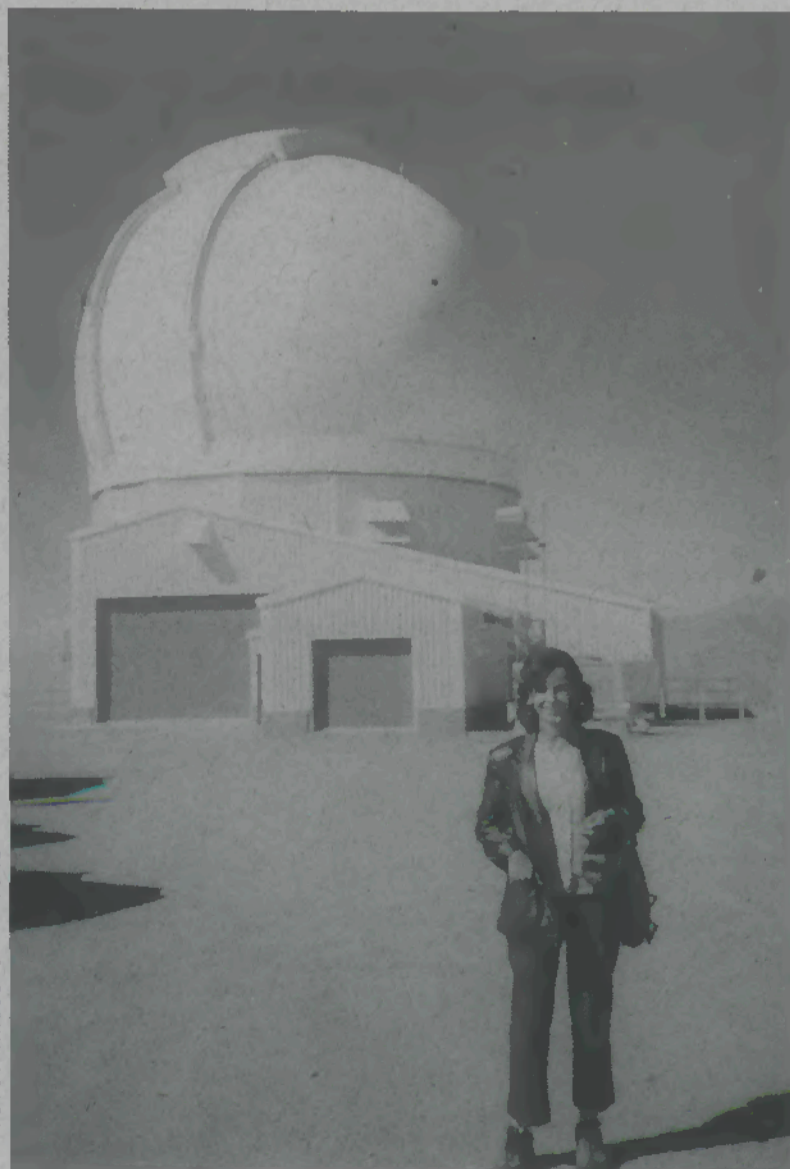


FOTO: ARQUIVO PESSOAL

seus parceiros achavam o papo muito estranho. A única universidade que tinha o curso de astronomia ficava na cidade de La Plata, a 1400km de Santiago del Estero, cidade onde nasceu e morava, o que imperdiria ela de estudar o que tanto sonhou, já que sua mãe não a deixaria estudar longe demais. Mas, por sorte ou não, um ano antes de se formar no segundo grau, a universidade que ficava em Córdoba, 400km de distância de sua cidade, tinha criado o Instituto de Matemática, Física e astronomia, porém, para ingressar no instituto, precisou fazer um exame que era muito difícil, com alguns conteúdos que não tinha visto na sua escola pública. Como não foi uma das primeiras colocadas na classificação, não ganhou bolsa, então quem a ajudava financeiramente era sua mãe. Com seus 17 anos, morando sozinha, muitas vezes chorava quando deitava, com saudade de sua família. No terceiro ano de curso, começou a trabalhar como ajudante de astrônomo. À noite as escolas visitam um observatório e era Miriani quem guiava os estudantes.

SUPERANDO OBSTÁCULOS

Sendo a primeira mulher a se formar na área de astronomia no Instituto, Miriani teve algumas barreiras para enfrentar. Quando fazia seu mestrado, após casada e naquele momento grávida, seu trabalho final era ir no observatório à noite, que ficava em cima de uma montanha, em torno de mais ou menos 1600 metros de altura, observar os telescópios. Havia uma casa onde os estudantes se alojavam e dormiam, porém, além dela, a única mulher desta casa era a senhora que fazia comida. Rodeada de homens, muitas vezes ouviu de seus colegas “se eu fosse teu marido jamais ia deixar você vir aqui, no meio de tantos homens, passar a noite”. Apesar deles falarem em tom de brincadeira, ali já se percebia uma forma de preconceito por ela ser mulher.

Quando começou seu doutorado, começou a trabalhar como professora no mesmo Instituto que se formou. Em 1973, seu orientador informou que ela havia conseguido uma bolsa nos Estados Unidos. Na companhia de sua filha e de sua mãe passou seis meses em Arizona e outros seis meses em Texas. No ob-

servatório McDonald, pegava dados de galáxias que ficavam no hemisfério norte.

Quando retornou para a Argentina viu seu país em um agitação política muito grande, com alguns grupos a favor da luta armada e outros contra. Houve o Golpe Militar de 1976, onde mais de 30 mil pessoas foram mortas. Ela relata que muitas crianças que nasciam nos cárceres não iam para suas famílias. A situação do país era caótica. Na Universidade de Córdoba, seu local de trabalho, de 3 mil docentes, 2 mil foram para rua, sendo ela um desses. A universidade tinha um envolvimento político muito grande, e era muito difícil ter um posicionamento central. Ou você era de esquerda, ou de direita.

Já casada com seu segundo marido e com duas crianças, sua primeira filha com 10 anos e seu filho com oito meses, se viu novamente com algumas barreiras para enfrentar. Devido a prescindibilidade da lei, não poderia voltar a trabalhar em universidades, mesmo que privadas. Então voltou a morar na sua cidade de origem com sua mãe, alugou sua casa em Córdoba, vendeu seu carro e começou a dar aulas particulares. Aos poucos as coisas voltariam a dar certo.

“TODO AQUELE ESFORÇO VALEU A PENA”

Com muitas publicações científicas e diversos trabalhos de grande importância, seu nome já era conhecido, até mesmo fora da Argentina e sabiam que estava procurando emprego. Em março de 1978, após conseguir a liberação dos militares para tirar seu passaporte e, com alguns contatos da UFRGS, conseguiu indicação para fazer um seminário na Universidade. Depois de ficar 3 anos sem trabalhar, finalmente após a apresentação desse seminário foi convidada pelo diretor do Instituto de Física para ficar e dar aula na UFRGS.

Em novembro de 1978 chegou no Brasil, ficou dois anos como professora visitante. Já em

seu primeiro ano fez publicações, e na época seu marido foi o primeiro se formar doutor em Astrofísica na UFRGS. Com muito esforço e dedicação entrou como professora titular do Instituto de Astronomia, após o concurso.

Representante de Astronomia no CNPQ, participação de bancas em todo o Brasil, representante do país no Consórcio Internacional onde participou da criação do projeto Gemini, com dois telescópios, um no Havaí e outro no Chile, formou 12 doutores, 17 mestres, mais de 160 trabalhos em revistas nacionais e internacionais, ex-diretora do Instituto de Física, membro titular da Academia de Ciência, professora Emérita da UFRGS, descobridora das galáxias Sércic-Pastoriza (uma lista de galáxias com formação nuclear na região central) em parceria com seu orientador, José Luis Sércic. Além disso, a Sociedade Astronômica Brasileira dará neste ano de 2014, o seu nome Miriani Griselda Pastoriza a um prêmio. Essas são algumas das maiores conquistas e reconhecimento por toda a sua dedicação na Astronomia, além de convites para trabalhar em outros países, que nunca foram aceitos.

Depois de passar por muitas dificuldades em sua trajetória, Miriani nunca desistiu dos seus sonhos. De levar sua filha pequena junto a um observatório a quilômetros da terra até tornar-se uma grande astrônoma, capaz de descobrir uma galáxia. “É muito difícil a vida da mulher cientista e também tem muito problema de competição”. Não foram as muitas críticas de pessoas que ficavam espantadas pelo fato de levar uma criança de 3, 4 meses para um observatório, além de ser uma mulher cientista e militante que impediram Miriani de chegar onde chegou.

Miriani fala também do machismo que sofreu no mundo científico. “Mulheres são destratas porque é difícil para um homem aceitar que a mulher esteja ao mesmo ou um nível acima dele, não muito por ele mas pela forma que é a socieda-



de em que vive. Isso muda quando um filho vê a sua mãe sustentando a família”, fazendo a relação com o que aconteceu na sua família. Sobre a sua ascensão profissional ela diz que nunca teve dificuldade, mas que muitas mulheres dizem ter essa dificuldade pois a mulher tem que abrir mão de muita coisa, pois existe muita exigência. “Quem gosta do que faz consegue vencer, nada é fácil, precisa-se de muito trabalho”.

“Todo aquele esforço valeu a pena, no sentido de que deu seus frutos. Porque senão as pessoas não reconheceriam. Se teu trabalho não for um trabalho, um trabalho responsável, não teria reconhecimento”, Miriani fala quando perguntado a ela sobre como vê todo o seu reconhecimento no mundo. Ela diz que o importante é a pessoa passar por um local, uma universidade, por exemplo, e deixar alguma coisa. Seja na ajuda para um aumento de salário ou uma contribuição para os alunos. A gratidão pela boa recepção do país é eterna. “Eu me esforcei muito porque de alguma forma eu queria devolver tudo o que tinham feito por mim, por que tu chegar em um país, que não é o teu país com duas malas, dois filhos para criar e não ter um problema para conseguir alcançar os teus objetivos, é uma coisa que tu não pode esquecer” desabafa a professora aposentada da UFRGS, que ainda continua trabalhando.

SUBVERTENDO A ESTRUTURA: A MANIFESTAÇÃO DO TEATRO DE RUA

por Suelem Freitas

É muito barulho: o grito do vendedor, a buzina do ônibus, o ruído da obra. É muita pressa: o transeunte que passa, o carro que corre, a informação que circula. De repente algo irrompe do cotidiano, fragmenta-o com um jogo cênico de experimentações. Um devir revolucionário para desnaturalizar os padrões, subverter os códigos e desmistificar a ordem. Popular e democrático, além de provocador, é o teatro de rua do Ói Nós Aqui Traveiz.

O grupo, que já tem 36 anos de atuação, começa sua trajetória em meados da ditadura militar,

com seu primeiro espetáculo apresentado em 1978. Apesar da opressão, era um momento de ebulição cultural, movimentos populares e estudantis incorporavam as manifestações de rua em busca de liberdade política. Ói Nós Aqui Traveiz surge com a proposta de fazer um teatro político e social através da ação direta ou como os integrantes chamavam: o teatro de combate. O fundador do grupo, Paulo Flores, recebeu-nos para esta entrevista no espaço Terreira da Tribo, o lugar onde acontecem os ensaios e oficinas organizadas pelo grupo.

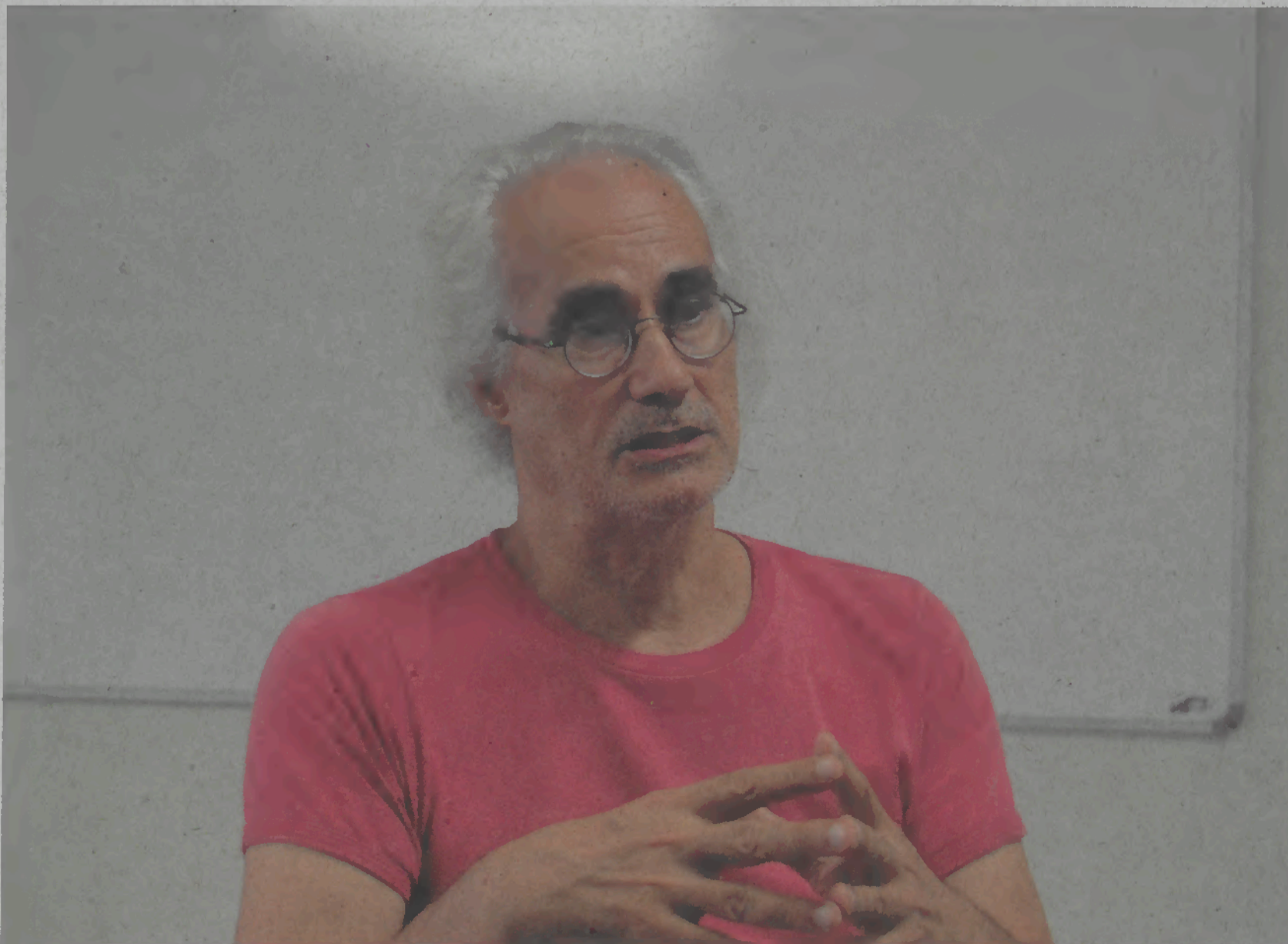


FOTO: JULIANA DEMARCO

Quando o grupo decidiu fazer teatro de rua?

Desde a origem o grupo já traz uma ideia do uso de novos espaços para o teatro, então é claro que a rua surge como uma preocupação do grupo. O grupo tenta apresentar o trabalho "O Rei já era Parara Timbum", em 1979, já voltado para esses espaços abertos. Foi em um campus universitário, mas a peça teve vários problemas por causa da repressão que ainda estava muito presente.

A partir daí, junto aos movimentos populares, o grupo vai criar suas primeiras intervenções cênicas, que eram esquetes teatrais que abriam manifestações, passeatas, mas ainda é um momento repressivo. O grupo vai para as ruas com movimentos populares, a gente queria levar à população questões que não eram discutidas na grande imprensa, como a questão ecológica, usinas nucleares, poluição dos rios. Como o momento ainda era repressivo o grupo sofreu muita violência policial, prisão de atores, interferência direta no momento da encenação, quebra de material cênico... Isso não deixava o teatro ser uma prática mais forte nas ruas de Porto Alegre. Consequentemente essas apresentações se davam apenas de maneira esporádica.

Conforme a abertura política avança, vai ficando possível se apresentar sem essa repressão policial, e as intervenções cênicas podiam ser repetidas em diversos dias. A primeira apresentação que realmente se concretizou chama-se Teon. Fala do povo originário da América e da chegada do europeu aqui.

Hoje existem diversos festivais de teatro de rua ou que o englobam. Como aconteceu essa tomada do teatro nas ruas hoje?

Acredito que ainda o teatro é marginal. Por mais que mesmo que já existam festivais específicos para o teatro de rua ou que todos os grandes festivais de teatro do Brasil sempre tragam o teatro de rua, ele ainda não tem o mesmo status que os espetáculos do teatro fechado. A gente ainda encontra um preconceito com a arte que acontece



FOTO: CLAUDIO ETGES

Carro da Opressão na peça O Amargo Santo da Purificação (2008)

na rua. Editais que apoiam o teatro de rua sempre dão poucos recursos. Os festivais de teatro de rua já mostram uma evolução no pensamento dos fazedores de cultura, mas ele ainda é minoritário.

Vocês se apresentam em diversos lugares: cidades do interior, capitais brasileiras e até fora do país; Como é o encontro do Ôi Nós Aqui Traveiz com essa multiplicidade de públicos?

Na verdade o grupo tem como vocação, desde sua origem, falar para todos os públicos, chegar a to-

dos os públicos, então o Ói Nós já tem uma longa trajetória de trabalho na periferia, onde às vezes existem dificuldades maiores em função do espaço para encenação... O trabalho do grupo tem essa característica de levar questões políticas, que sejam essenciais para discutir o momento que a gente está vivendo, do aqui e agora. É um grupo inventivo no sentido da criação. Não usa a linguagem que o público está acostumado, como a da televisão. A gente pensa no crescimento do público, para que ele se torne mais exigente com o que assiste. Nós trabalhamos com essa linguagem provocadora, que mexe com o público, que não é complacente. Exigimos o máximo de nós mesmos e de nosso público também. O Ói Nós sempre procurou trabalhar para todos os públicos, sem abrir mão de suas convicções ideológicas e estéticas.

O Amargo Santo da Purificação é um espetáculo de rua que vocês já apresentam há seis anos. Conte-nos um pouco da experiência de levar esse espetáculo às ruas.

A ideia estética do Amargo Santo da Purificação retomou essa ideia de se deslocar pela rua, durante a apresentação. Desde o início a peça tem esse deslocamento de dois grupos que se encontram, formam uma roda, contam uma boa parte da história do Marighella; naquela roda acontece outro deslocamento e se forma uma nova roda. São coisas dessa experiência, da ideia de inovar no teatro de rua, colocando o público em deslocamento. O teatro de rua tem diversas possibilidades e o Ói Nós não abre mão de experimentá-las. Se trabalha muito com a questão da alegoria também. A gente acre-



Paulo Flores: O Amargo Santo da Purificação (2008)

dita que isso chegue mais profundamente ao espectador. A linguagem naturalista (...) ela não é apropriada para o teatro na rua, para essa comunicação que se dá na rua. Se utiliza a dança, o canto, as máscaras, as pernas de pau, os bonecos gigantes... elementos com grandes proporções, como o Carro da Opressão. Imagens impactantes na rua que criam uma grande empatia com o público, que ganham uma força muito grande. Nesse sentido a gente pode pensar na carnavalização desses elementos.

Por muito tempo a arte esteve limitada aos palcos, às galerias, às salas. Mas houve um rompimento disso, aconteceu um movimento de libertação da arte. Tu poderias falar da relação entre a arte e a rua?

Para nós é imprescindível estar na rua. É onde realmente o teatro se torna revolucionário, porque é o momento da fusão da vida com a arte. É um momento que se torna único na vida daquelas pessoas. Elas vão se envolver de alguma maneira, porque na realidade na rua tu vai ter diversos públicos: quem vai ficar durante todo o tempo da manifestação até

aquele público anônimo passageiro que vai se defrontar coma aquilo e sair em seguida. Talvez na artes o teatro seria o que tem a linguagem mais direta para discutir a existência do ser humano, a sociedade, então para nós o teatro de rua é o momento da plenitude do teatro, até porque se a gente pegar a origem do teatro, as primeiras manifestações teatrais já aconteciam em espaços abertos. Depois com a ascensão da burguesia que o teatro vai ser preso. Na sua origem que ele é popular. No final do século XX que tem essa libertação da arte.

O teatro de rua (...) ele chega a todos. Se tu ver uma roda de teatro de rua tu vai ver distintas faixas etárias, distintas pessoas. É um momento de liberdade na cidade quando acontece o teatro de rua a correria do dia-a-dia para. É um momento subversivo muito grande, que está na contramão das exigências dessa sociedade capitalista.

Qual é a principal diferença que tu sente em fazer um espetáculo fechado e um espetáculo na rua?

A principal diferença no aspecto social é o acesso a todos, e para o ator é a preparação dele. Na rua o ator está sempre em risco, pois todo o tipo de im-

previsto pode acontecer. Ele precisa ter uma preparação física muito maior. Não está em condições favoráveis como em uma sala de espetáculo, com luz, com acústica. Entre os exemplos de imprevistos estão o morador de rua embriagado, o cachorro que entra na roda. Já sofremos agressões de pessoas ligadas a igrejas evangélicas. O teatro foi perseguido pela igreja... é visto como algo demoníaco.

Quais são os problemas enfrentados hoje pelo teatro de rua?

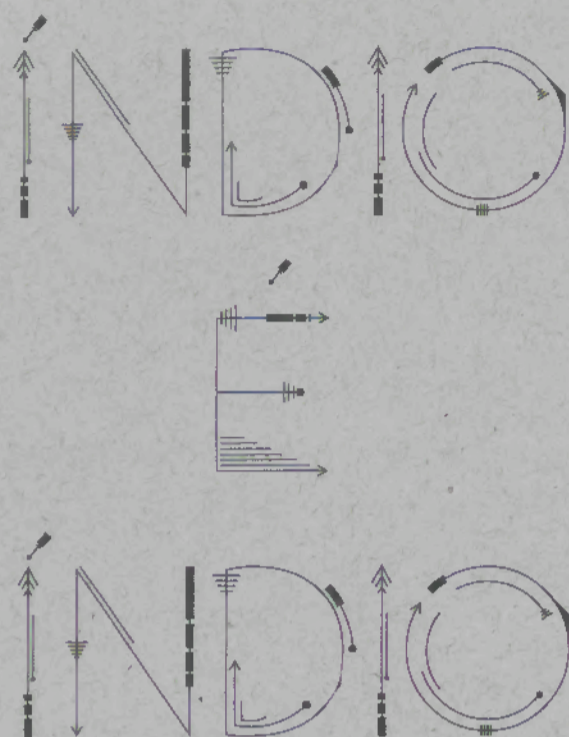
Hoje as dificuldades são outras. Não existe a figura da censura, mas existe a dificuldade econômica, de apoio... um grupo independente tem dificuldade de conseguir um apoio maior dos poderes públicos. O Ói Nós se caracteriza principalmente por fazer um teatro público. Atividades que são abertas à população. Nós temos um projeto de oficinas em bairros populares, chamado *Teatro como instrumento de discussão social*. O nosso teatro tem esse sentido democrático. A nossa ideia é fazer um teatro que chegue à maior parte da população, que é a parte que está quase sempre excluída, que não tem acesso à arte neste contexto que a gente está inserido, mas que, por outro lado, criam dificuldades para o grupo se sustentar.

Outra dificuldade que a gente vê crescer é a privatização dos espaços públicos, das praças, das ruas. Cada vez é uma dificuldade maior para a gente conseguir liberar o espaço para a atividade teatral. A gente vai viajar para o Rio de Janeiro, Belo Horizonte, São Paulo e enfrentamos estas mesmas dificuldades ou até dificuldades maiores. Por exemplo: tem cidades que estão cobrando pelo espaço da praça para apresentar um espetáculo teatral.

O Amargo Santo da Purificação (2008)



FOTO: CLAUDIO ETGES



Logo na chegada já se percebe que a vida ali não é das mais fáceis. As casas são barracos de madeira, não há um caminho com piso, apenas a terra, o chão cru, como já era há 514 anos, na época em que outros brancos chegavam e tinham o primeiro contato com os guaranis.

Eu, diferentemente destes outros “brancos”, vim para conhecer o jeito como essas pessoas vivem, o porquê de terem escolhido aquele lugar para se estabelecer, os seus costumes e as tradições que preservam.

A minha chegada é acompanhada de festa, de receptividade por parte das crianças. Logo elas perdem o interesse em mim, o motivo? No início acreditavam que eu trazia doações, quando disse que apenas queria conversar com o cacique, elas me mostraram para onde ir, e voltaram a se ocupar como crianças, com futebol, bicicleta, pega-pega, entre outras brincadeiras.

Na maioria, as crianças estavam vestidas com roupas, um tanto velhas, e alguns dos indiozinhos mais novos andavam pelados, sem pudor e sem maldade.

Enquanto eu os observava brincar e adentrava na aldeia, as mulheres mais velhas iam “fugindo” de mim, entravam nas casas, nitidamente tímidas com o estrangeiro que ali estava.

Enquanto procurava pelo Cacique, me deparei com Ilda, única mulher que arriscou trocar algumas palavras comigo. Ilda é agente de saúde indígena, acostumada a ir para a cidade e muito ligada à escola que funciona na aldeia. Depois de conversar com Ilda, as outras mulheres indígenas pareceram “me aceitar”. Não falaram comigo, mas também não se esconderam mais.

Ao fim do papo com Ilda, encontrei Neusa Maria Carvalho, professora da rede estadual que está trabalhando na escola indígena. Ela me levou ao meu objetivo, o Cacique, uma espécie de Prefeito para a aldeia. Um homem com cerca de 60 anos, com aspecto judiado e de pouca fala.

Com a minha breve caminhada pela aldeia vi que as condições de vida ali não eram as melhores, por isso a minha primeira pergunta para o Cacique foi para entender por que eles escolheram aquele lugar, se havia algum passado dos guaranis ali, ou algo que justificasse viver ali.

“Nóis não somos daqui, mas como nós Guarani, a gente vem, e se está bem para nós, nós ficamos, se não está bom vamos para outro lu-

“Nóis não somos daqui, mas como nós Guarani, a gente vem, e se está bem para nós, nós ficamos, se não está bom vamos para outro lugar.”

gar. Esse lugar fica um pouco e nós achamos que o lugar é bom para nós, se o Deus mandou, deixou para nós, caminho bom que o Deus primeiro mandou, assim a gente fica”, ele me contou.

Mas nem tudo é assim tão simples como parece quando Cacique Augusto fala sobre o lugar. O local é de domínio do DAER (Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem) e não há demarcação de território indígena para a área. Isto impossibilita qualquer organização de espaço para a aldeia, como uma área grande para o plantio ou para a criação de animais, assim como melhoria nas moradias, no saneamento básico e a implantação de luz elétrica.

Cacique Augusto fala bastante sobre a importância, não da demarcação oficial, mas de poder ter mais terra para viver e fazer dela seu sustento, já que hoje as principais fontes de renda da tribo são o artesanato e as doações.

“O dinheiro a gente consegue com coisa de artesanato, vende e compra alguma coisa. Outros conseguem com alguém que passa, mas não pede para a prefeitura.

“O dinheiro a gente consegue com coisa do artesanato, vende e compra alguma coisa. Outros conseguem com alguém que passa, mas não pedem para a prefeitura. Com a venda do artesanato mantém a família, a criança. Se tivesse mais terra melhor, podia plantar, tem algum que caça capivara e pesca, não para vender, mas para manter a família.”

ra. Com a venda do artesanato mantém a família, a criança. Se tivesse mais terra melhor, podia plantar, tem algum que caça capivara e pesca, não para vender, mas para manter a família”, analisa o Cacique.

Adultos e crianças da tribo fazem parte da escola instalada na aldeia. Ao contrário do que eu imaginava, são dois professores: um apenas para disseminar as tradições guaranis, e a professora Neusa, que ensina “as coisas dos brancos”.

“A criança e o adulto aprende as coisas, todo ano que muda a lei. Todo Guarani, todos índios têm que estudar. Sem a escola os índios não conseguem as coisas. O professor Guarani, é para não perder a nos-



FOTO: FILIPE KUNRATH



Cacique Augusto

sa fala, o nosso jeito”, contou o Cacique.

A tradição parece ser o que mais Cacique Augusto quer preservar, e o que mais lhe é importante. O orgulho de ser Guarani pode ser percebido a todo o momento, e é o principal legado que o Cacique tenta deixar para as outras gerações da aldeia.

“Ele pode estudar bem, mas tem que ser Guarani, dentro da aldeia, pode morar na cidade, mas índio é índio”, comentou.

Nesse momento uma pulga se instalou atrás da minha orelha, e não pude deixar de perguntar o que ele pensava so-

bre um pensamento de Lasier Martins, Senador eleito do Rio Grande do Sul. Lasier disse:

“Quantos índios no Brasil deixaram de ser índios e hoje são profissionais respeitados?”.

Cacique Augusto respondeu: “Eu acho que esse aí não sabe nada. Eu vejo assim né, que talvez a pessoa pensa que deixou de ser índio, mesmo que trabalha e mora na cidade, estudado nunca deixa de ser índio. Sempre continuará índio”.

Agradecei e deixei a aldeia, refletindo sobre a sabedoria e os valores do velho Cacique Augusto.

“A criança e o adulto aprende as coisas, todo ano que muda a lei. Todo Guarani, todos os índios têm que estudar. Sem a escola os índios não conseguem as coisas. O professor Guarani, é para não perder a nossa fala, o nosso jeito.”

COM A PALAVRA, OS USUÁRIOS!

Por que a maconha merece ocupar um lugar nas mesas de bar e nas rodas de amigos sem ser ilegal?

*Atenção: Todos os nomes de pessoas citados nessa reportagem são fictícios...
Até porque não consegui lembrar o nome verdadeiro de nenhuma delas.*

Enquanto as muitas ideias para abordar esse tema faziam minha cabeça girar, o tempo para fechar a matéria ia ficando menor, logo, decidi bolar o texto baseado nas experiências e opiniões das pessoas sobre os lugares e os motivos que justificam seu consumo. Ao ver a qualidade das conversas que tive, não sinto nem uma pontinha de remorso.

Em todas as fontes, se via uma semelhança: o desejo de se livrar do rótulo de “criminoso”. O espírito transgressor e a rebeldia, motivos que pautavam as decisões de fumar maconha, foi puxado para outros debates políticos e o grande objetivo dos usuários, tanto novos quanto antigos, se tornou apenas curtir com os amigos, querendo ser respeitado pelas leis e pela sociedade.

A minha primeira conversa aconteceu em um dos lugares tradicionais de consumo de maconha, lo-

calizado na Zona Sul de Porto Alegre. Era um domingo ensolarado, uma massa de gente ocupava o lugar e a repressão policial estava relativamente fraca. Entre os grupos de amigos, ninguém se importava em ceder um papel de seda, emprestar o isqueiro ou mesmo ajudar a fechar, caso algum usuário menos experiente pedisse.

Esse é o caso de Marcos, que se descobriu um usuário de maconha junto com os amigos há poucas semanas. Conversamos embaixo de uma árvore. Apesar de viver uma fase em que a rebeldia é comum, Marcos não acha que seu consumo é uma manifestação dela. “Fumo só para curtir com os parceiros. Dar umas risadas.”

Além disso, ele não acredita no argumento de que a maconha seja a porta para outras drogas. “Eu não tenho nenhum interesse em experimentar

mais nada. Acho que a maconha é mais do que suficiente.” E a sua opinião ficou clara quando ele começou a olhar para o céu e esqueceu da minha presença.

Em outro ponto da cidade, localizado na Zona Norte e marcado por grande presença de skatistas, Victor também considera o consumo um ato de socialização entre amigos. “Eu não gosto de fumar sozinho. Preciso de alguém pra ‘passar o beck’.” Porém, Victor considera a repressão bem forte ainda. “Se eles (os policiais) te pegam, te dão uma surra.”

Repressão essa que José, usuário de maconha há trinta anos, já sentiu em um dos seus momentos mais fortes. Militante do movimento estudantil no início dos anos 1980, durante o Regime Militar, ele me recebeu em sua casa com chimarrão, erva que também passa de mão em mão. Ele compartilhou comigo algumas de suas histórias.

“Uma vez trancamos o diretor da escola, que era alinhada com o Regime, e mantivemos ele por quase trinta horas. Quando liberamos ele, a Brigada Militar nos encheu de porrada.” Na avaliação dele, a repressão hoje é muito mais fraca, fato que possibilitou à nova geração focar nas formas de consumo. “Hoje em dia eles usam bong, sedas especiais e um monte de coisas.” Na minha época a gente procurava uma carteira de cigarro na rua e desmontava ela, pra pegar a camada de seda que tinha no meio.”

Além da cervejinha do final de semana, José também não utiliza nenhuma outra droga. “Nunca tive dinheiro pra isso quando era jovem, mas também não tenho interesse. Hoje eu só fumo pra aproveitar a companhia dos meus filhos.”

Entretanto, a repressão ainda não é fraca. Um bar em Porto Alegre, conhecido por liberar o consumo de maconha entre os frequentadores, foi fechado pela administração pública. Além disso, a dependência usuário-traficante é mais do que suficiente para barrar muitos usuários.

Esse ano, o Deputado Federal de São Paulo, Jean Willys, do PSOL, apresentou um projeto de lei que prevê a liberação e regulação do con-

sumo de maconha. Embora a tramitação seja lenta, existe a certeza de que esse debate chegou ao Congresso Nacional. E para os usuários, discutir a possibilidade de ser um usuário sem “se queimar” é muito necessário. Afinal, eles só querem curtir a brisa.

PASSO A PASSO

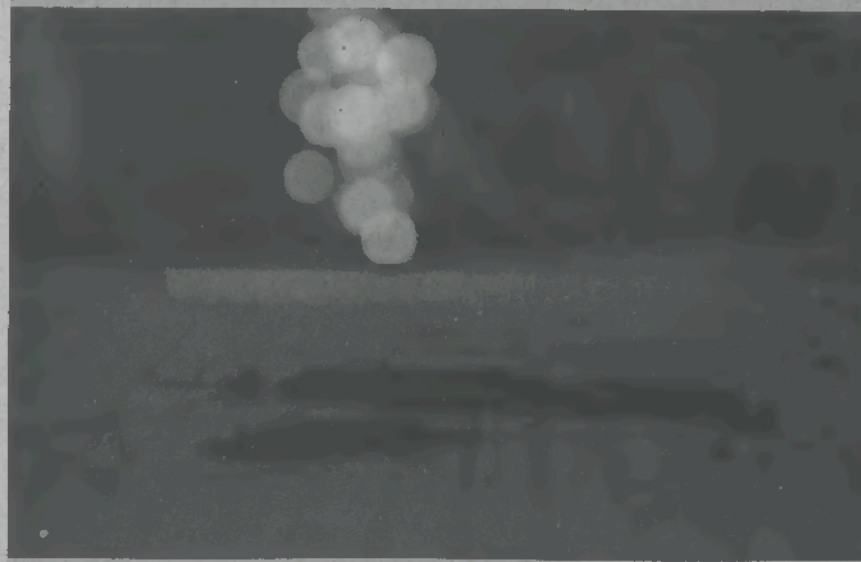


FOTO: MATHEUS ROSA

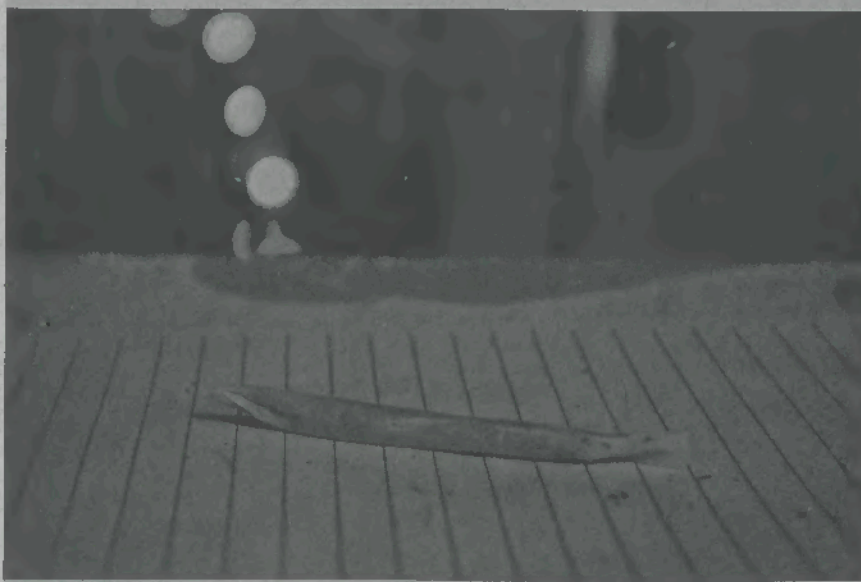


FOTO: MATHEUS ROSA

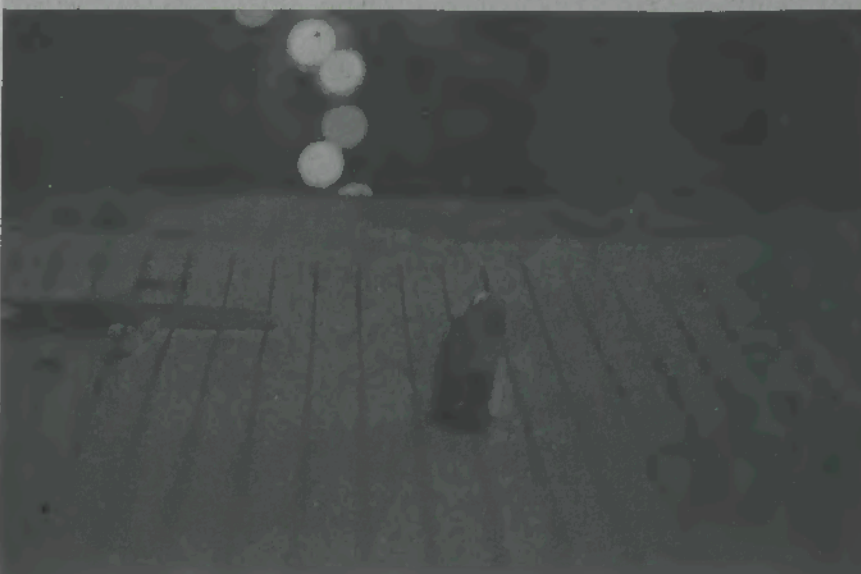


FOTO: MATHEUS ROSA



GRAFFITI

a arte que ocupa e se deixa ocupar

Desde a pré-história, o ser humano expressa sua cultura através de desenhos no chão ou em rochas. Na contemporaneidade, os estudos sobre o surgimento do grafite (ou *graffiti*) circulam entre 3 fatos históricos: a Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945), quando os soldados americanos espalharam a frase “Kilroy was here” (Kilroy esteve aqui) pelos muros da Europa; os protestos de maio de 1968 na França, que trouxeram várias pichações emblemáticas contra o governo, sendo “il est interdit d’interdire” (é proibido proibir) a mais famosa; as brigas entre gangues de Nova York, na década de 1970, por meio de inscrições nos metrô que levavam as mensagens para diferentes bairros. Durante muito tempo, essa forma de expressão permaneceu caracterizada como “vandalismo” e marginalizada com relação as demais expressões artísticas. Hoje, o grafite é visto como uma arte e cir-

cula em diferentes espaços: galerias de arte, catálogos de decoração, camisetas, condomínios de luxo e, é claro, nos muros, onde tudo começou.

Marcelo Pax é grafiteiro em Porto Alegre e seu interesse pela arte começou cedo. Movido pela curiosidade, copiava os estilos de caligrafia que encontrava pela rua. “Eu via muita letra de pichação na rua, não tinha muito grafite naquela época em Porto Alegre, não era tão comum quanto é hoje. A internet não era popular ainda, então não tinha acesso mesmo. Depois de um tempo, eu conheci um cara que tinha internet na firma do pai dele e foi lá que eu comecei a pesquisar.” Para ele, a internet teve um papel fundamental na popularização dessa forma de expressão no Brasil. “Eu acho que o grande marco disso tudo foi a internet. Depois que a internet se popularizou, apareceram vários grafiteiros aqui, o pessoal começou a entender mais o que era o grafite, porque antigamente era só televisão e grafite não passa na televisão.” No começo, Marcelo grafitava por hobby, não imaginava que isso poderia se transformar em um trabalho e tornar-se sua única fonte de renda. “Eu trabalhei 5 anos em gráfica, fazendo arte final e aí fui convidado para pintar num evento de grafite que

teve no Rio de Janeiro, em 2011. Ai eu fui, fiquei enlouquecido e nunca mais voltei para trabalhar.”

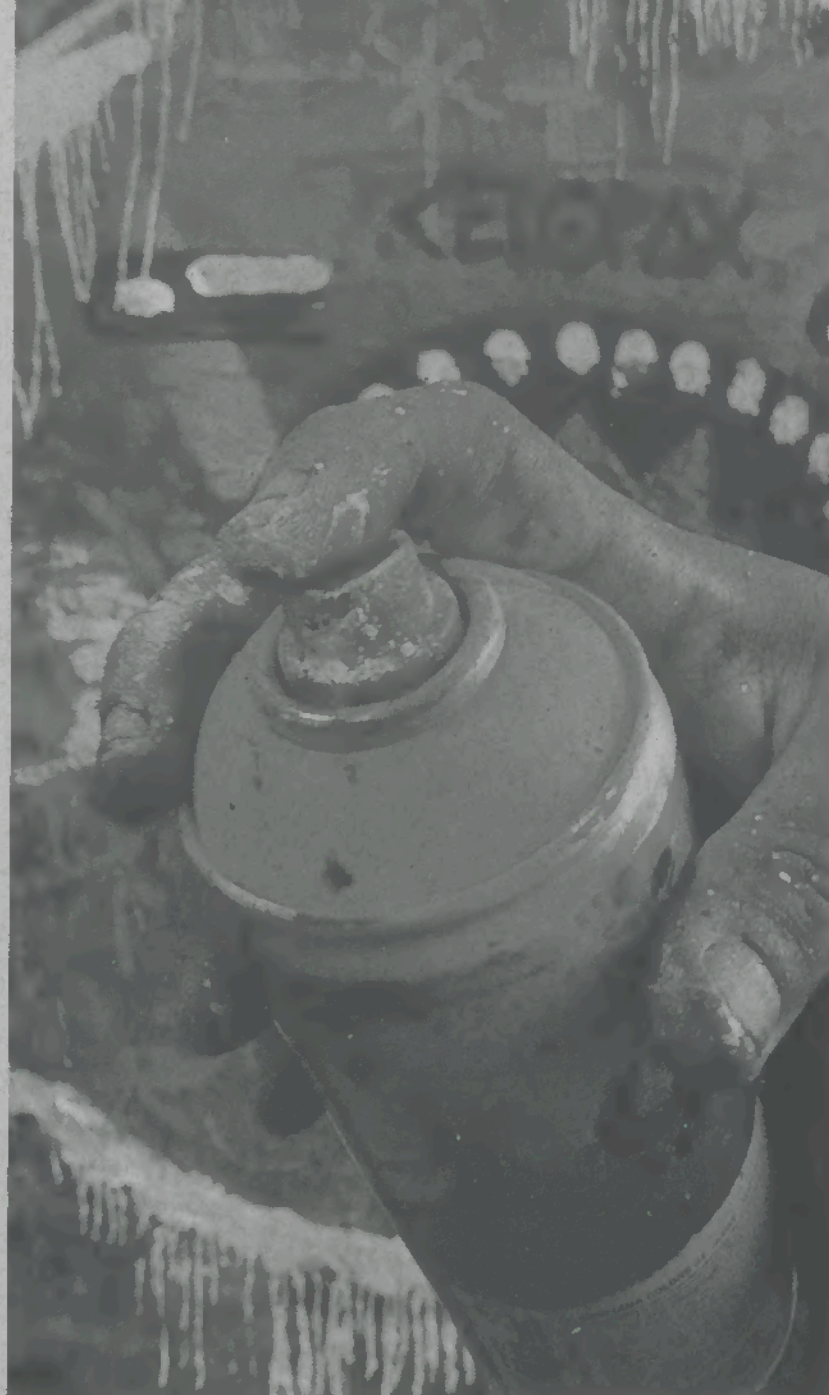
GRAFITE X PICHANÇA

A separação entre grafite e pichação é um tema controverso. No inglês, a expressão “graffiti” é usada para designar as duas coisas. No Brasil, o termo “pichação” é comumente utilizado para escritos simples, geralmente feitos em locais proibidos, e “grafite” ou “graffiti” é usado em casos de desenhos mais elaborados e muitas vezes comerciais. Para Marcelo, não existe uma diferença quanto à essência das duas manifestações. “Essa separação só existe no Brasil. Eu acho que a única diferença entre o grafite e a pichação é a estrutura do desenho. Eu acho que a atitude é a mesma, pintar na rua sem autorização [...] É um registro daquilo que aconteceu. Até hoje, tem pichação ‘abaixo a ditadura’ aqui em Porto Alegre. É um registro, é um grito [...] Acho que a diferença é mais o lance da estética da letra, do desenho”.

Apesar do caráter “arte marginal” e da essência de não seguir regras e não depender de autorizações, o grafiteiro toma alguns cuidados na hora de escolher um lugar para colorir. “Eu cuido bastante onde eu vou pintar, até para evitar problemas, eu não sou nenhum vândalo. Eu gosto bastante mesmo é de prédio abandonado. Não acho legal pegar casa, tu nem sabe a história da pessoa que mora naquela casa ali, tu não sabe da necessidade dela. Vai pichar outra coisa, a casa das pessoas não é legal [...] Acho que falta um pouco de consciência na gurizada. Tem bastante espaço público para pintar aí, não precisa agredir morador.”

O NOVO ESPAÇO OCUPADO PELO GRAFITE

O grafite passou a ser visto como arte e os grafiteiros passaram a ser admirados por seu trabalho, ganhando um espaço para expor e comercializar seus desenhos. “Antigamente era muita repressão, não tinha muito convite para expor, para fazer um trabalho comercial, hoje em dia rola. A repressão conti-



nua ainda, mas também rola trabalho, rola tu fazer uma grana [...] O grafite te proporciona várias ramificações de trabalho como pintar o muro da casa de um cara, vender uma tela, fazer estampa para uma camiseta, dar uma oficina de grafite para uma gurizada [...] O grafite é muito louco, porque ao mesmo tempo que tu é convidado para expor em uma galeria, pelo mérito do teu trabalho, pelos anos que tu tem de estrada, pelo estilo que tu adquiriu, tu pode ser preso pintando um muro. Ele te leva do 8 ao 80, mas eu gosto disso. A raiz do grafite é isso aí. Ele é uma arte marginal.”

Os grafites vem colorindo cada vez mais os muros da capital gaúcha, diversos espaços públicos estão sendo ocupados com o aval dos órgãos responsáveis. Marcelo Pax participou do evento que decorou o Túnel da Conceição, por exemplo. Foi o Meeting of Styles (MOS), ação internacional que reúne artistas de diversos lugares do mundo,

“todo o ano tem em dez, doze países diferentes”. O artista faz uma análise crítica sobre os motivos que levam a prefeitura a procurar o trabalho dos grafiteiros: “Normalmente, é quando eles precisam maquiar alguma coisa [...] Essa última ação que teve, com 1 milhão de grafites, antes da Copa, para maquiar tudo, eu até acabei boicotando, porque é muito oportunismo deles né, ‘vamos botar grafite porque grafite é mais barato.’”

O novo espaço que o grafite ocupa hoje, circulando em galerias de arte, lojas, marcas de roupa e casas de diferentes classes sociais, é encarado de forma diferente por cada artista. Afinal de contas, a essência dessa expressão artística vai contra essa lógica de comercialização. Alguns preferem não chamar seu trabalho, quando pago, de grafite. É o caso de Marcelo que chama seus trabalhos contratados de “pintura artística”. “O cara que quer comprar não quer comprar o grafite, até porque não tem, grafite é na rua. Se tu quer comprar uma tela é outra parada é outra energia. Pintar na rua é um universo paralelo, tu não pede autorização. O verdadeiro grafite é isso, sair porque tu quer pintar, ninguém te chamou. Tu vai lá tu vai botar toda a energia que tu tem de arte, protesto, sei lá”.

UMA ARTE QUE OCUPA E SE DEIXA OCUPAR

O mais interessante na forma como o grafite se propõe a ocupar diferentes espaços é o fato de que ele ocupa ao mesmo tempo em que é ocupado. É a ocupação da ocupação. “O desenho, depois que ele sai do teu caderno, da tua mente, eu costumo falar que ele ganha liberdade. Porque quando ele está preso na tua mente ele é só teu, mas quando ele está na rua ele é de todo mundo, todo mundo é dono dele, a cidade é dona dele, quem passar lá pode se apropriar [...] O desenho acaba fazendo parte do dia a dia das pessoas”. A apropriação ocorre no momento em que o grafite está sendo feito “Eu gosto de receber essa energia que tem na rua. De estar ali pintando, escutar o barulho de um carro, daqui a pouco

um cachorro, depois uma senhorinha, eles acabam intervindo também.” Acontece também, na interpretação que as pessoas fazem das obras. “Eu prefiro que as pessoas façam a leitura delas. Eu não gosto de dizer o que é, eu gosto de deixar tudo livre para todo mundo viajar, como dizem: ‘a arte não te responde, ela pergunta’”.

Em aproximadamente 20 dias, Marcelo irá realizar seu sonho de grafitar o Muro de Berlim, um bom exemplo de como a arte pode ocupar e ser ocupada ao mesmo tempo. Lá os desenhos estão em constante renovação, o tempo de permanência das obras é curto porque novos desenhos surgem a todo o momento e vão cobrindo ou interagindo com os desenhos antigos.

Até mesmo no grafite comercial, ou “pintura artística” como Marcelo prefere chamar, essa relação dialética de ocupação está presente. A arte pode ser aplicada em vários objetos (camisetas, canecas, bonés, paredes externas e internas, etc) e esses objetos vão receber uma resignificação diferente de cada dono, em cada lugar, em cada situação. “Deve ter um monte de desenho meu andando por aí. Eu vejo fotos de pessoas que eu nem conheço junto com a minha arte.”



CORPOS OCUPADOS PELA ARTE

Marcar um corpo. Deixar nele o registro de um momento, um sentimento, um ideal ou mesmo uma ofensa, caso você tenha nascido no lugar errado e tenha uma crença diferente de seus conterrâneos. Para cada povo onde existia a marcação do corpo, existia também um significado. A marca nunca existe só por existir.

Não há um consenso sobre qual foi o primeiro povo a marcar o corpo dessa forma, mas acredita-se que os pioneiros tenham sido os egípcios e os maoris. As tatuagens, como as conhecemos hoje, começaram a ganhar popularidade a partir do século passado. Saylor Jerry é um dos nomes mais importantes dessa história. Seu verdadeiro nome era Norman Keith Collins. Ele aprendeu a tatuar ainda jovem, e fez seu nome tatuando marinheiros. A tatuagem de âncora é uma das mais conhecidas nesse segmento, sendo muito difundida por ser uma das marcas registradas do Marinheiro Popeye (por mais que este seja um exemplo bobo, a primeira referência do estereótipo de marinheiro, para muitas gerações, é o do Marinheiro Popeye).

Muito já se refletiu sobre a tatuagem e os seus

significados. Assim como qualquer prática cultural, o ato de tatuar é repleto de significados. Até mesmo Kafka, no seu livro “A Colônia Penal”, reflete um pouco sobre o assunto, mesmo que o procedimento descrito por ele tenha objetivos diferentes do que conhecemos por “tatuagem”. Ele fala sobre um método de punição que consiste em escrever no corpo do prisioneiro a lei que este teria quebrado. Na história, é descrito que o procedimento leva em tor-

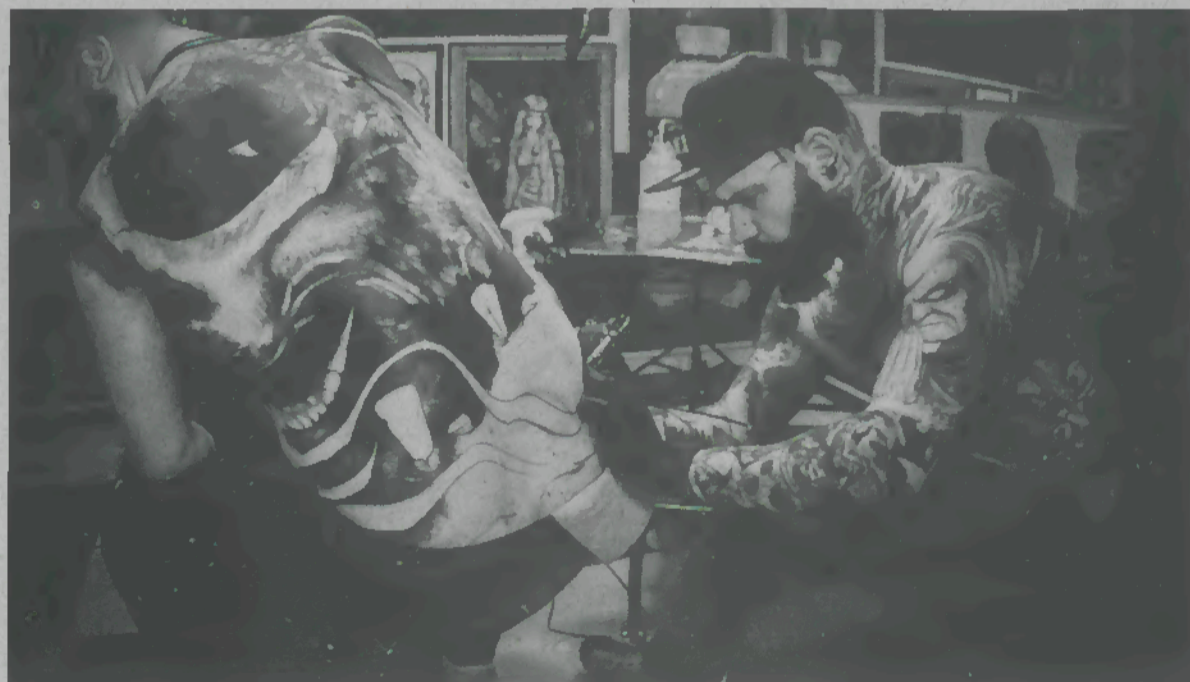


FOTO: ALEXANDRE MEDEIROS

no de doze horas. A partir da sexta, o “tatuado” passa a sentir as palavras que estão sendo escritas na sua pele e começa a compreender o que haviam feito, encontrando então redenção. Após as doze horas, a agulha perfura tão profunda-

mente na carne que a pessoa encontra a morte.

Kafka reflete sobre uma forma de punição. Hoje, mesmo que na dor que existe no ato de tatuar o corpo não se consiga desligar uma leve ideia “tortura”, se vê o contrário do que existe no texto de Kafka: a tatuagem não é algo a ser evitado, e sim algo que se busca.

“Tatuagem é o que marca o corpo. Independente do resultado” é o que diz Diogo Quadro, 32 anos, tatuador há 12. Espalhados pelo seu estúdio “Casa de Leões”, estão os diversos prêmios que ganhou dentro e fora do país. Entre os diversos países pelos quais ele passou estão Bélgica, França, Escócia, Itália, Holanda, entre outros.

Diogo tatua desde os seus vinte anos. Antes disso, fazia grafite. Quando surgiu o desejo pela tatuagem, passou a procurar alguém que o ensinasse. “Uma vez eu conheci um cidadão, numa praia, ele me deu umas dicas e tal, comprei os materiais e comecei a tatuar em casa”, relata. Ele ficou responsável pela Casa de Leões depois do antigo dono ter se estabelecido na Europa. “Ele foi pra Europa, eu fiquei. Eu já fui pra lá várias vezes também, mas ele ficou lá de vez, e agora ele tem uma loja lá”.

Diogo, assim como vários tatuadores, também possui tatuagens pelo corpo. De acordo com ele, a sua própria maneira de compreendê-las foi mudando com o tempo. “No início, quando eu era novo e não entendia, tinha aquela coisa de “querer ter tatuagem”, mas eu fui percebendo mais coisas que poderiam expressar algo que eu pensava” explica, “quando eu comecei a me tatuar, com 16 anos, comecei com algumas coisas mais como simbologia mesmo, tipo, símbolo de banda, porque eu achava tri massa, mas eu sempre desenhei desde criança, então eu tinha uma boa noção de qualidade, tinha uma noção artística do que era bom e do que não era bom”.

Por não encontrar na pele resultados relativamente bons dos desenhos que via em revistas, Diogo optava por fazer tatuagens menos complexas, mas que teriam mais chances de ter bons resultados. “Eu pensava: não quero ter uma tatuagem assim, vou fa-

FOTO: ALEXANDRE MEDEIROS

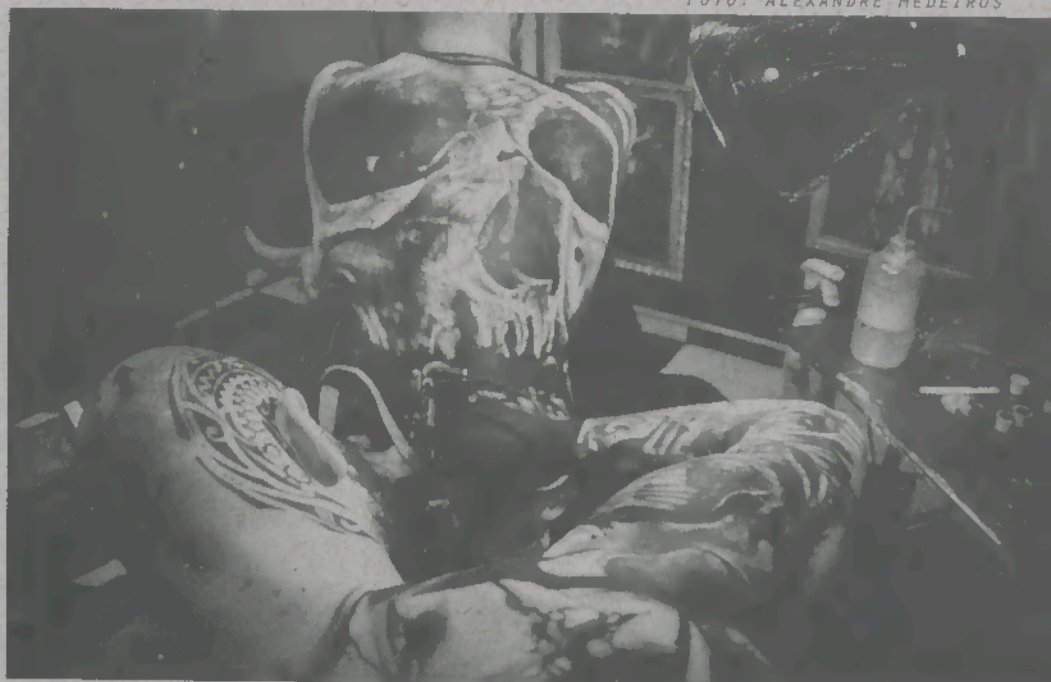


FOTO: ALEXANDRE MEDEIROS



FOTO: ALEXANDRE MEDEIROS



FOTO: ALEXANDRE MEDEIROS



FOTO: ALEXANDRE MEDEIROS



FOTO: ALEXANDRE MEDEIROS



zer um símbolo que é algo mais simples, mas que é certo vão fazer. Até porque eu não conhecia muitos tatuadores”. Foi somente com 18 anos que eu comecei a ver tatuadores que faziam o que eu gostava de forma mais expressiva. E aí eu comecei a procurar essas pessoas, e em seguida já comecei a tatuar”.

Saber o que você quer fazer e ir atrás de alguém que realize um trabalho que tenha as características que você procura. Esse processo é muito destacado por Diogo, pois ele mesmo disse já ter viajado mais de seis horas para conseguir a arte de um tatuador específico em sua pele. “Porque tu sabe como vai ficar o resultado” explica. “Esse lance de tu conhecer o tatuador, o trabalho do cara, de repente tu não sabe nem a imagem do cara, se ele é branco, negro, se é careca, se tem cabelo, mas o trampo dele tu sabe qual é. E isso é o importante. Mais do que tu saber quem é ele”.

Mesmo com metade do corpo já tatuado, ele diz ainda se impressionar com cada nova tatuagem que faz. “Claro. A empolgação. Eu tenho um monte de tatuagem, mas cada vez que eu me tatio é uma emoção. Fico olhando... E a maioria das pessoas que se tatuam também faz isso. Porque é uma coisa: tu tá marcando a tua pele. Não sai mais”.

“Não sai mais”: Um pensamento que provavelmente já deve ter passado pela cabeça de muitas pessoas que já pensaram em fazer uma tatuagem (e que deve passar com muito mais frequência na cabeça das pessoas que não fizeram uma). Diogo diz que “tem que saber o que tu tá fazendo, tem que querer fazer aquilo, estar ciente de que vai doer, e de que não vai sair mais. Pode passar vinte anos e virar um borrão, mas ela tá ali”.

Cada pessoa encara a tatuagem de sua própria maneira, “tanto que tem gente que não gosta” comenta Diogo. Não há como não pensar que esse é um pensamento preconceituoso: algumas pessoas ocupam seu corpo e mentes com religião, política, dinheiro... existe realmente um problema em ocupar seu corpo com arte?

Eric, o eterno Rei de si mesmo

Nemo liber est qui corpori servit

Um dia, há aproximadamente dois anos, o Eric e o Máx estavam chapados e começaram a desenhar nas paredes do quarto para o qual o Eric recém se mudara. Por cima de uma estrofe de um poema da Safo, poetisa grega que, entre outras coisas, simboliza a cultura lésbica, desenhou uma Fênix em chamas. Queimou algo que não queria atribuído para si. Não deixar margem para interpretações erradas sobre sua identidade. “Querida desenhar por cima, queria apagar, daí fiz essa coisa pegando fogo”, conta.

O fogo que destruíra também era o fogo do inferno. Inferno da abjeção, da não-existência. No entorno do pássaro, a frase: “Abandonai ó vós que entraís toda esperança”, do Inferno de Dante e, um pouco mais pro lado: “no inferno é o nosso apego a uma identidade fixa que nos tortura” do escritor Chuck Palahniuk. “O inferno de alguém fixar uma identidade em ti. É uma tortura. E hoje em dia, de certa forma também é assim, porque quando estou no meio de pessoas não-binárias, foda-se”, diz Eric.

Antes de mudar para o novo quarto, o lugar era um depósito nos fundos da casa do Pai em São Leopoldo, região metropolitana de Porto Alegre. E Eric ainda era um fantasma. Tinha seus 23-24 anos e estava em ebulição. Embora sempre tenha sentido um desconforto com padrões de gênero, sabia muito pouco sobre transexualidade. Foi quando ele tomou esse espaço para si que tudo começou a mudar: “No início, eu ficava aqui sozinho, lia muitos livros e desenhava nas paredes [...] este quarto representa muitas coisas, muitas memórias”, lembra.

Além da fênix, há vários desenhos e frases relacionadas não só a gênero, mas com o processo de construção de uma identidade, espalhadas pelas paredes. Bruce Lee, Pink Floyd, Judith Butler, John Lennon. Um amigo dese-

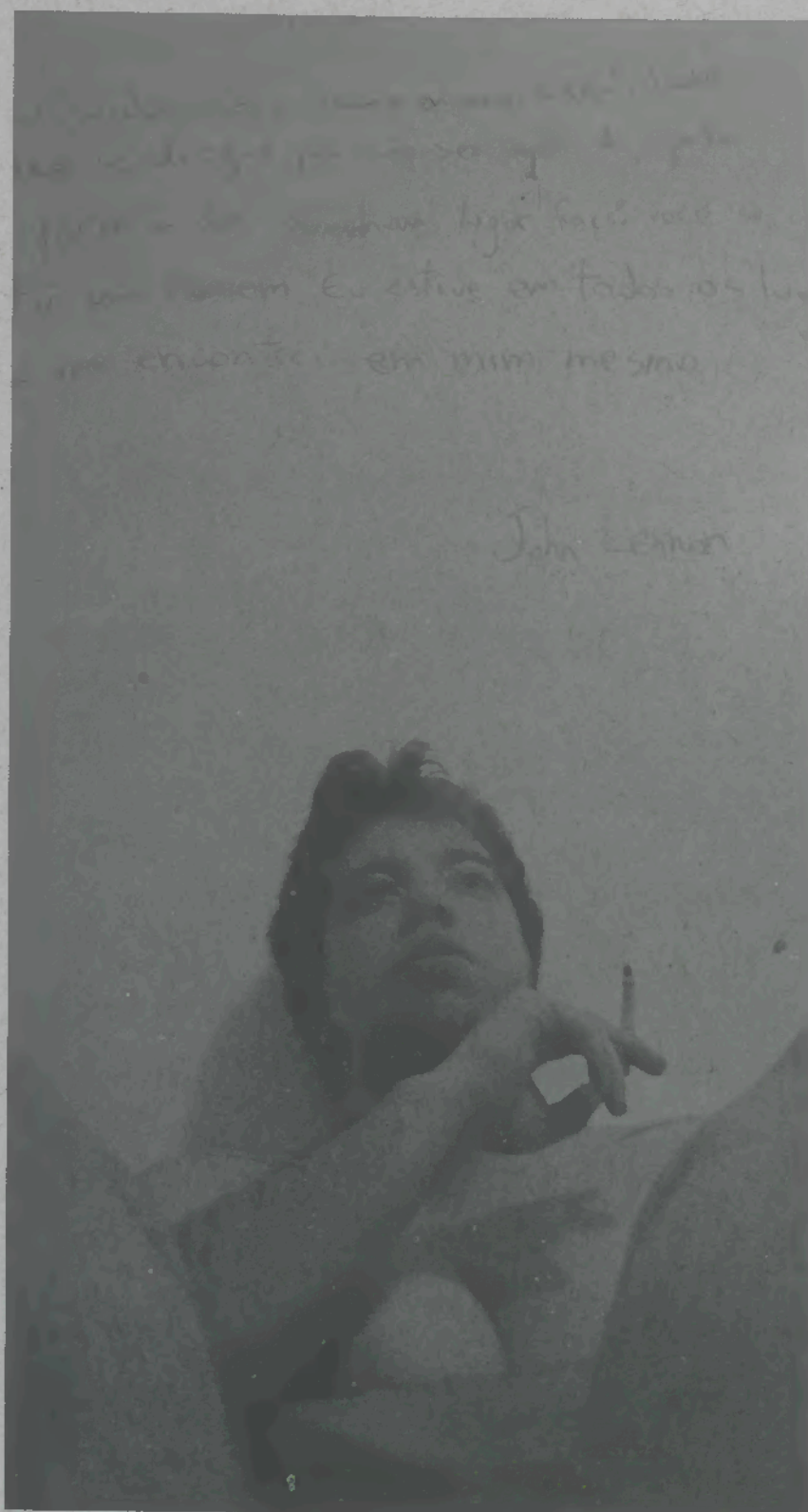


FOTO: VÍCTOR CAPRIOLI DE FREITAS

nhou um rosto do Eric com uma coroa. Isso porque o nome foi inspirado em um vampiro homônimo da série americana "True Blood". "Eu queria algo forte, inspirado em alguém foda, porque eu não era foda. O objetivo foi escolher um personagem foda e tentar corresponder, correr atrás", explica. Eric também significa "Rei eterno", e está presente em outro desenho, sentado em um trono.

Percebe-se todo um percurso de compreensão como na presença de alguns símbolos feministas. O motivo dos desenhos foi a aproximação com anarquistas. "Quando eu vim pra cá eu comecei a andar com os anarquistas de Porto Alegre, das ocupações, e a anarquia tem essa questão da autonomia, da autogestão. E os anarquistas tinham relações com o feminismo. Foi aí que a luta começou", conta.

*

Durante sua infância e adolescência Eric vivia muito isolado na escola onde estudava em São Leopoldo. O namorado e a irmã eram sua única companhia. "Eu vivia muito na carona da minha irmã, eu aproveitava a carona da socialização", conta.

Sua trajetória de autoconhecimento viu surgir uma até então inédita vida social. A primeira vez que o Eric saiu de dentro daquele quarto foi através da internet. Ele conheceu o grupo "discussões queer de Porto Alegre" em uma rede social, e então ele se apresentou com o novo nome em um encontro marcado na Redenção. "Enquanto eu não tive um 'avatar' de mim mesmo eu não podia interagir, eu não falava nem com a pessoa que atendia na padaria", explica. Foi esse espaço que testemunhou aquela transição. A expressão de sua identidade dependia de uma certa ocupação.

Depois ele fez amigos fora do universo Trans também. Por exemplo, o Max, namorado da amiga da amiga da irmã. Com ele, passou a se reunir pra beber, fumar, tocar guitarra, ir em bares. "Era muito tenso, porque eu chegava lá e tinha os outros amigos, e era uma experiência que eu nunca tinha tido, ficar ali ocupando esse lugar de homem, que as pessoas nunca tinham me dado antes, nunca tinham me

permitido, me considerado, e ainda tinha aquela insegurança, será que eles vão me aceitar? Será que eles não vão me aceitar? Será que eles me percebem como Homem? Sabem que eu sou Trans?

*

Foi a primeira vez que Eric voltou neste quarto depois de se mudar. Hoje, aos 27 anos, ele possui toda uma trajetória de estudos em grupos de pesquisa e discussão na UFRGS sobre questões de gênero e sexualidade. A afirmação de sua identidade cada vez mais cria situações de diálogo com as pessoas. "Se tu visse meu facebook antes da transição só ia ver mensagens do meu namorado e da minha irmã. Só! E hoje eu olho meu Facebook e tem um monte de gente que mandou mensagem! É espantoso!".

A ebulição agora já não é mais tanto em relação a si mesmo, mas em relação ao mundo que vive, em uma realidade que multiplica situações transfóbicas. "O setor de saúde é um dos que mais discrimina a pessoa trans", exemplifica. "Por exemplo, uma mulher trans, que procura um cirurgião para colocar silicone. Muitas mulheres procuram cirurgião pra colocar silicone, tranquilo né? Mas quando a mulher trans quer fazer essa cirurgia, mesmo tendo dinheiro pra pagar, o médico muitas vezes diz 'eu não coloco peito em homem', e se recusa, por preconceito", relata.

Além disso, Eric é usuário do PROTIG, Programa de "Transtorno" de Identidade de Gênero do Sistema Único de Saúde. Como "paciente", já coleciona situações em que foi vítima de preconceito. A crítica vai desde o tratamento dos médicos e funcionários, que muitas vezes insistem, não todos, em chamá-lo pelo nome de registro, até a necessidade de ser legitimado por outras pessoas que não ele mesmo. "Começa que eu já não sou homem para os profissionais do PROTIG. Eles me perguntaram sobre histórico de relacionamentos, como se para fazer um diagnóstico fosse importante saber com quem a pessoa transa. Então um médico me disse que não

era característico de uma pessoa que se identifica com o gênero masculino transar com homens, e então eu disse: e homens gays? E ele não reconhecia. E isso é homofobia, transfobia, tudo junto [...] Isso tudo tem muito a ver com a forma como a psiquiatria trata a transexualidade. Eles querem falar com a tua família toda sobre a tua infância, e isso é estranho porque se tu quer acessar o sistema de saúde pra fazer outros processos cirúrgicos tu não precisa que entrevistem teu pai, tua mãe, tua vó. Eles fazem isso porque eles querem encontrar os motivos no teu passado que expliquem o teu “transtorno”.

Sobre o Nome Social, Eric considera uma solução paliativa, uma “gambiarra”, para poder dar conta de pessoas que sofrem constrangimentos em relação ao nome de registro. Porém, afirma que o ideal seria que as pessoas que querem trocar o nome de registro possam fazê-lo tranquilamente, porque muitas vezes juízes, presos ao sistema sexo/gênero, não entendem que é uma necessidade para a vida da pessoa”, explica.

Ainda que reconheça o avanço que representa o nome social, Eric enfatiza problemas que ainda persistem. “Se tu vai em uma loja, no banco, em qualquer coisa que tu precise do teu RG, ele não serve. O nome social só serve para as pessoas te tratarem nominalmente. É só uma coisa simbólica. Uma carteirinha que diz “você é uma pessoa trans e o Estado reconhece que você quer ser chamado por esse nome. É melhor do que

eu ter que apresentar um documento com o nome de registro, mas eu não preciso ser rotulado como trans o tempo todo, que é uma coisa que as pessoas cis não entendem às vezes. Pra elas é tipo ‘Ah, olha! Que massa! Tem a carteira de nome social, tá resolvido teus problemas. Não, não tá! Porque eu não quero ser rotulado como trans! Eu quero ser uma pessoa como qualquer outra! As pessoas cis não se dão conta disso. Elas acham que é tipo ‘fechou, tá tua carteira de trans, tu é trans então tem uma carteira de trans’. E não é assim”, fala.

*

A vida e a luta do Eric é a mesma de muitas outras pessoas. Na maioria das vezes segregadas, invisibilizadas, não reconhecidas. Essa é uma luta contra ocupações simbólicas feitas pela cultura sobre os corpos. A identidade aqui é questão de demarcar como território não só o próprio corpo, mas de conquistar espaço em todos os campos da sociedade. Espaço que é de igual direito para todos. Fato é que esta luta envolve uma resistência constante de cada indivíduo. E é assim que Eric a cada dia ocupa seu corpo, sua vida, sua própria história.



FOTO: VICTOR CAPRIOLI DE FREITAS

25 anos, alguns meses e uns dias

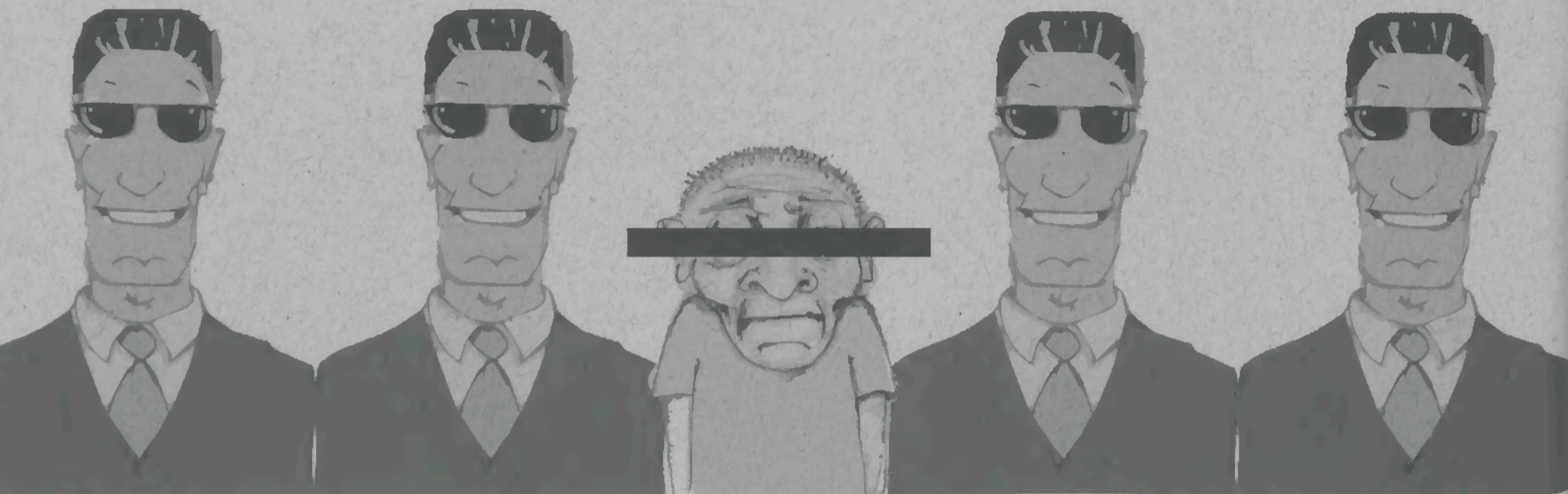


ILUSTRAÇÃO: CARLOS EDUARDO GALON (CAJU) - ARQGALON@YAHOO.COM.BR

A reinserção de um sobrevivente do Carandiru ao mercado de trabalho

Ele entra a passos largos e firmes na sala do Patronato Lima Drummond. Fecha o enorme guarda-chuva preto, deixa-o no espaço de encontro entre duas paredes, sacode as mãos duas vezes - tentando livrá-las de alguns pingos de chuva - e estende o braço direito para cumprimentar a jornalista, ao mesmo tempo em que fala alto, quase gritando: “Prazer, eu sou o Justino”.

A repórter televisiva, cuja beleza é proporcional ao sensacionalismo incrustado em suas perguntas, questiona se ele quer ajeitar algo em seu quarto, pois logo realizariam algumas imagens do ambiente. Prontamente, ele recusa. “Não. Vou deixar tudo como está. Passei muito tempo da minha vida mudando as coisas, maquiando a realidade. Hoje, vivo a vida como ela é, nua e crua”, declara, como se estivesse esperando algum assentimento.

A realidade vivenciada há cinco meses por José Justino Borges, 45 anos, contrasta significativamente com as duas últimas décadas vividas pelo paranaense nascido na Vila Capanema, em Curitiba. Se hoje ele le-

vanta às 6 horas da manhã, veste-se, toma rapidamente um café e vai à parada de ônibus, distante 80 metros de onde vive, para ir trabalhar como auxiliar de serviços gerais em um órgão estadual, há 25 anos o cenário era outro. Preso aos 20 anos de idade, Justino tem no currículo seis homicídios, diversos assaltos e outros delitos que resultaram em uma pena cujo montante chegou a 240 anos, mas que hoje é de 62. “Foi um assassinato de uma pessoa grande da sociedade, envolvida com a justiça, que gerou toda uma vida ao contrário”, lamenta.

Após o crime, Justino ficou foragido por 42 dias. Segundo ele, os acontecimentos transcorreram como se fossem uma bola de neve. “Esse assassinato gerou assaltos, falsificação ideológica e mais homicídios. Eu tive de matar pessoas que cruzaram o meu caminho. Imagina um guri de 20 anos fugindo da polícia. Não era mais a polícia comum, mas a federal, que, na-

quela época, para nós, era coisa de outro mundo”, afirma, e, após uma breve pausa, completa com um sorriso constrangido: “Imaginávamos que eles tinham até disco voador dentro do quartel general”.

Devido às dificuldades encontradas na fuga, entregou-se à polícia. A notícia que sua namorada havia sido assassinada, no entanto, foi o motivo de mais uma deserção. “Fiquei poucas horas foragido, mas fugi. Já saí matando, fazendo coisa errada, pois eu precisava fazer, era vingança. Perdi a minha namorada grávida, que me daria o meu primeiro filho homem. Como já tinha cometido um delito, achei que poderia fugir da cadeia e fazer outro. Saí, matei o cara e fui preso em flagrante. Aí a história começou a ficar mais escura”, narra.

Proveniente de uma família trabalhadora, como gosta de chamar, Justino se criou no estado de Rondônia, região em que o seu pai adquiriu algumas terras na década de 1980 e local onde ocorreu o primeiro e fatídico crime. Ao falar da família, o apenado se alegra. Puxa uma foto de cima da mesa postada ao seu lado e mostra, orgulhoso, a foto de um bebê gordinho vestindo um macacão rosa e branco. É Giovanna, sua terceira neta, fruto de uma de suas duas filhas. “Fui conhecer ela agora. Quando ganhei o semiaberto, o juiz me deu autorização para ir até São Paulo. A minha família toda foi para lá. Minha filha está com 27 anos. Imagina, ela me viu quando tinha dois anos”, conta, como se estivesse revivendo o encontro.

O momento obscuro de sua história, citado pelo detento anteriormente, refere-se a sua transferência provisória para a Casa de Detenção de São Paulo. O ano é o de 1992, e os acontecimentos circundam o “Massacre do Carandiru”.

Justino é magro, tem cerca de 1,80m de altura, cabelos pretos e pele branca. Fisicamente lembra o ator norte-americano Ty Burrell, intérprete do personagem Phil Dunphy no seriado *Modern Family*. Usa um aparelho auditivo em cada orelha, pois, em consequência da violência vivenciada nas penitenciárias, entre elas a tragédia que ocasionou a morte de 111

detentos do Carandiru, sofreu um Acidente Vascular Cerebral (AVC) que quase o deixou surdo.

Apesar de reticente quanto à temática, o apenado declara ter ficado 90 dias hospitalizado. Levanta a camisa social branca e mostra uma cicatriz horizontal de aproximadamente 20 centímetros de comprimento, localizada no lado esquerdo da barriga, consequência de uma facada, e diz: “Fui ferido nas costas e na barriga. Tenho uma bala alojada no peito e estou vendo para tirar ela, pois já está me incomodando. A carne joga para fora, né. Olhe aqui”, e se inclina para mostrar a protuberância presente no tórax, um projétil de nove milímetros.

Justino não viu o filme *Carandiru*, do diretor Hector Babenco. Não gosta de lembrar esse período da vida, pois lhe causa muita dor. “O passado faz a gente sofrer muito. Assim como eu fiz pessoas sofrerem, eu também sofri. Eu era trânsito de lá, não era preso. Morreu muito cara que nunca tinha sido condenado, era apenas suspeito de alguma coisa”, alega.

Antes da tragédia, o apenado trabalhava no setor jurídico da casa de detenção. Graças à atividade desempenhada, conheceu o médico Drauzio Varella. “Eu colhia os chamados “pipas”, cartinhas de agentes sociais, atendimento ao advogado, ao médico, então eu tinha uma ligação com ele dessa maneira. É impossível falar do Carandiru sem falar dele. Ele era a única alma viva lá dentro que espalhava esperança, palavras de conforto para nós. Sabia nos tratar como médico e como pessoa, ser humano. Eu ouvi muito conselho dele. Ele nos encorajava a pensar a vida”, conclui.

Após sair do hospital, Justino foi para a penitenciária Franco da Rocha; na sequência, deslocou-se para Presidente Venceslau, onde ficou até 2011. Devido a sua condição física e ao progressivo afastamento em relação às lideranças internas do presídio, pediu para sair do estado de São Paulo, temendo alguma possível rebelião. Transferido à Penitenciária de Alta Segurança de Charqueadas (Pasc), onde conseguiu um acordo para cumprir a pena em regime semiaberto, atualmente

está na Fundação Patronato Lima Drummond, local com índices exemplares de ressocialização de presos.

Presidente da Fundação Patronato Lima Drummond, Nício Brasil Lacorte assegura, de forma incisiva, que ali todos são preparados para o trabalho externo e para respeitar a sociedade. Localizado em lugar amplo e arborizado, o Patronato tem a capacidade de abrigar até 80 presos, do regime aberto ou semiaberto, e é resultado de um convênio com a Superintendência dos Serviços Penitenciários (Susepe). “O estado manda os internos, os profissionais da Susepe e paga a manutenção. Nós fornecemos o patrimônio e realizamos um trabalho que se chama Trabalho de Tratamento Penal. Todas as pessoas que trabalham aqui são voluntárias, exceto os da Susepe”, esclarece o presidente.

Nício avalia que o estado não consegue devolver o presidiário de uma maneira melhor à sociedade devido à falta de desenvolvimento de uma política nesse sentido. Cita que os índices de reincidência no Brasil são de 75% e compara com os 3% apresentados pelo Patronato.

Com as mãos inquietas e olhar atento ao que acontece ao seu redor, Justino segue a mesma linha de raciocínio e reclama das ações governamentais: “Todo presidiário, na cadeia, pensa em se vingar da sociedade. Por quê? Nem nós mesmos sabemos responder. A revolta é muito grande, causada pela desassistência, pela roubalheira desgraçada que tem dentro das administrações prisionais e pelo descaso”.

O detento não acredita que haja preconceito dos empregadores para com os presidiários, mas cita a existência de preocupação. “A reincidência é muito grande. O governo engana a sociedade dizendo que está preparando o preso com estudo compatível, que está ressocializando, envolvendo o opressor em alguma operação laboral. Na verdade, eles colocam o preso na banguela e ele faz o que quer. A maioria dos empresários não tem preconceito, tem preocupação, porque o despreparo do apenado é tão grande que, ao invés de dar lucro, dá prejuízo. Pos-



ILUSTRAÇÃO: CARLOS EDUARDO GALON (CAJU)
ARQGALON@YAHOO.COM.BR

so te garantir que tem cara que não se adapta em algumas empresas, não consegue se assimilar. Olha o meu caso, 25 anos preso. A maioria do tempo fiquei em segurança máxima, em que são 22 horas por dia trancado”, expõe.

Justino objetiva lançar um livro. Assim como na música “Diário de um detento”, do grupo Racionais MC’s, ele deseja contar as experiências e realidades vivenciadas no sistema prisional brasileiro. Enquanto vasculha a sua pasta à procura de alguns de seus textos, revela que a publicação já está concluída, mas ainda busca uma editora. No instante em que acha o escrito fugidio, um conjunto de folhas encadernadas é agarrado pela sua mão esquerda. No centro da página inicial, colorida e na forma de um wordart, uma frase ganha destaque e se revela como o título de sua obra. Transpassado por graduações das cores do arco-íris, lê-se: “Ainda não é o fim”.

EXPEDIENTE:

REDAÇÃO:

Amanda Gomes
Amanda Kaster
Bruno Teixeira
Cássia Tavares
Cleunice Schlee
Filipe Kunrath
Gabriel Brum
Jennifer Dutra
Juliana Demarco
Lucas Vieira de Lima
Ludmila Cafarate
Marina Bitencourt
Matheus Rosa
Suelem Freitas
Victor Caprioli de Freitas



COMISSÃO EDITORIAL:

Amanda Gomes
Amanda Kaster
Bruno Teixeira
Ludmila Cafarate
William da Luz

REVISÃO:

Flávio Bonfiglio

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO:

Gabriela Gil

ORIENTAÇÃO:

Wladimir Ungaretti



